



CADERNOS PENSE BRASIL

VIRTUAL

AMÉRICA LATINA E EUROPA: UMA LEITURA AMPLIADA DA EXPERIÊNCIA PROGRESSISTA

Julho/Agosto de 2020 - Nº 7



INTERNACIONAL

CADERNOS
**PENSE
BRASIL**
VIRTUAL

**AMÉRICA LATINA E EUROPA:
UMA LEITURA AMPLIADA DA EXPERIÊNCIA PROGRESSISTA**

Copyright ©Fundação João Mangabeira 2020

Diretor Presidente

Ricardo Coutinho

Diretor Vice-presidente

Alexandre Navarro

Diretor Financeiro

Francisco Cortez

Diretor de Estudos e Pesquisas

Carlos Amastha

Diretor de Organização

Fabio Maia

Conselho Curador

Presidente

Carlos Siqueira

Membros Titulares

Adilson Gomes da Silva

Álvaro Cabral

Cristina Almeida

Dalvino Franca

Felipe Martins

Francisco Cortez

Gabriel Maia

Jairon Nascimento

James Lewis

Joilson Cardoso

Manoel Alexandre

Paulo Bracarense

Ricardo Coutinho

Serafim Corrêa

Silvânio Medeiros

Vera Regina Müller

Suplente

Henrique Antão

Conselho Fiscal

Membros Titulares

Alessandro Antônio Stefanutto

Jônia Maria de Lima Pompeu

Thyago Henriques de O. Madruga Freire

Suplentes

Orlando José Felipe Castells

Luciana de Oliveira

Cadernos Pense Brasil

Coordenação-Geral

Fabio Maia

Coordenação Editorial

Márcia Rollemberg

Assessoria de Comunicação

Luciana Capiberibe

Edição

Instituto Paulista de Cidades

Criativas e Identidades Culturais (IPCCIC)

Pesquisa e Texto

Adriana Silva

Fernanda Rosas Pires de Saboia

João Eduardo do Nascimento Fonseca

Tamara Ilinsky Crantschaninov

Projeto Gráfico e Diagramação

Adriana Silva

Revisão

Eva Barbosa

Assessoria de Comunicação e Redes Sociais

Muganga Criativa Comunicação Digital

Gráfica

Qualidade Gráfica e Editora

Tiragem

3 mil exemplares

Acesso e download

<http://fjmangabeira.org.br/pensebrasil.internacional.n.07>

Catálogo na publicação (CIP)

F981b

Cadernos Pense Brasil Internacional - América Latina e Europa: Uma Leitura Ampliada da Experiência Progressista. Fundação João Mangabeira.

Editora FJM, 2020 - nº 7, julho/agosto.

48 p.il. color 21 x 27cm

1. Política - Brasil. 2. Política Internacional. 3. Frentes Progressistas I. Título. II. Fundação João Mangabeira (FJM).

ISSN 2674-7995

CDD 320

CDU 32 (81)



Fundação João Mangabeira

Sede própria – SHIS QI 5 – Conjunto 2 – Casa

CEP 71615-020 – Lago Sul – Brasília, DF

Telefax: (61) 3365-4099/3365-6277/3365-5279

fjm@fjmangabeira.org.br

www.fjmangabeira.org.br

www.facebook.com/Fjoamangabeira

twitter.com/fj_mangabeira

www.instagram.com/fjmangabeira

www.tvjoamangabeira.org.br

www.observatoriodademocracia.org.br



APRESENTAÇÃO

Todos sabemos que a História não ocorre em saltos temporais espontâneos e mecânicos. Ela se realiza, dinamicamente, como construção de indivíduos, grupos, forças e classes. Como processo social, ela se estende no tempo em movimentos desiguais e combinados, conforme as relações de poder e os fluxos de interesses que mediam o equilíbrio do arranjo global das nações e dos povos.

Assim é que, para melhor compreender a conjuntura que vivemos, é necessário cotejá-la com o continuum histórico que a precedeu e que se desenvolveu ao longo da segunda metade do século passado. A instituição do welfare state decorrente do pós-guerra, as tensões e polarizações da guerra fria, a ascensão do neoliberalismo econômico, a debacle do bloco socialista, seus efeitos e determinações, entre outras inflexões marcantes, engendraram o tempo presente.

A onda ultraconservadora que varreu o mundo e fez ressurgirem forças, ideias e práticas de extrema direita nos últimos anos encontrou em seu percurso três marcos de resistência que se constituem em modelo de referência para o campo do pensamento democrático.

A Frente Ampla Uruguaia e a Coalizão progressista em Portugal, denominada Gerin-gonça, resultaram dos esforços continuados de partidos e de outras forças democráticas e alcançaram êxitos e avanços para a construção de pactuações político-programáticas orientadas para agendas sociais, emancipatórias e de enfrentamento e superação das desigualdades, em alternativa ao neoliberalismo hegemônico.

Os desníveis, insuficiências e vícios da ordem mundial – agora em declínio e em questão – encontram forte contraponto também no âmbito não governamental. São diversas as organizações dedicadas à formulação e encaminhamento de agendas voltadas para a defesa dos direitos humanos, do meio ambiente e dos avanços da cidadania, fatores civilizatórios negligenciados pelo sistema e pelas forças e interesses econômicos dominantes.

A importância dessas experiências para a compreensão e transformação da realidade brasileira e de nossa integração e relação nas esferas continental e global requer uma maior aproximação e um esforço continuado para o conhecimento e a apropriação crítica de suas virtudes e acertos.

Com essa perspectiva, dedicamos duas edições do Ciclo de debates PENSE BRASIL à reflexão sobre a centralidade e a relevância estratégica dessas construções sociais para a crítica do status quo regressivo e excludente assim como para a convergência e unidade das forças progressistas.

Assim, no dia 6 de julho último, realizamos a 11ª edição virtual do Ciclo, para debater

as experiências contemporâneas de frentes progressistas: as lições uruguaia e portuguesa. Estiveram conosco, remotamente, os convidados Ricardo Ehrlich – Prefeito de Montevideu (2005-2010) e Ministro da Educação e Cultura do Uruguai (2010-2015) –; o deputado Hugo Pires – Secretário nacional do Partido Socialista Português para a Organização e Vice-presidente do Grupo Parlamentar do Partido Socialista para as áreas do ambiente, energia e ordenando do território –; e o Professor Doutor Wagner Iglecias - Doutor em Sociologia e professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) e do Programa de Pós-graduação Interunidades em Integração da América Latina (PROLAM-USP).

Em 3 de agosto, foi a vez de debatermos O papel das fundações e think tanks internacionais na defesa dos direitos humanos e da cidadania

crítica na América Latina e no mundo. Nessa 16ª edição virtual do PENSE tivemos as participações especiais de Marta Nin, directora de Casa Amèrica Catalunya; Diego Lopes Garrido, Vice-presidente Executivo de Fundación Alternativas; e de Jean Jacques Kourliandsky, Diretor do Observatório América Latina de la Fondation Jean-Jaurès. As três fundações internacionais coirmãs apresentaram um painel amplo de suas missões institucionais, de suas referências e paradigmas, bem como apontaram a relevância do estreitamento de nossas relações de intercâmbio e cooperação.

Oferecemos, portanto, nesta publicação, um conjunto rico e variado de experiências, percepções e subsídios capazes de qualificar ainda mais os esforços dos socialistas brasileiros para a defesa da democracia como valor universal e para a transformação social avançada em nosso país.

Ricardo Coutinho

Presidente da Fundação João Mangabeira



Manifesto Pense Brasil

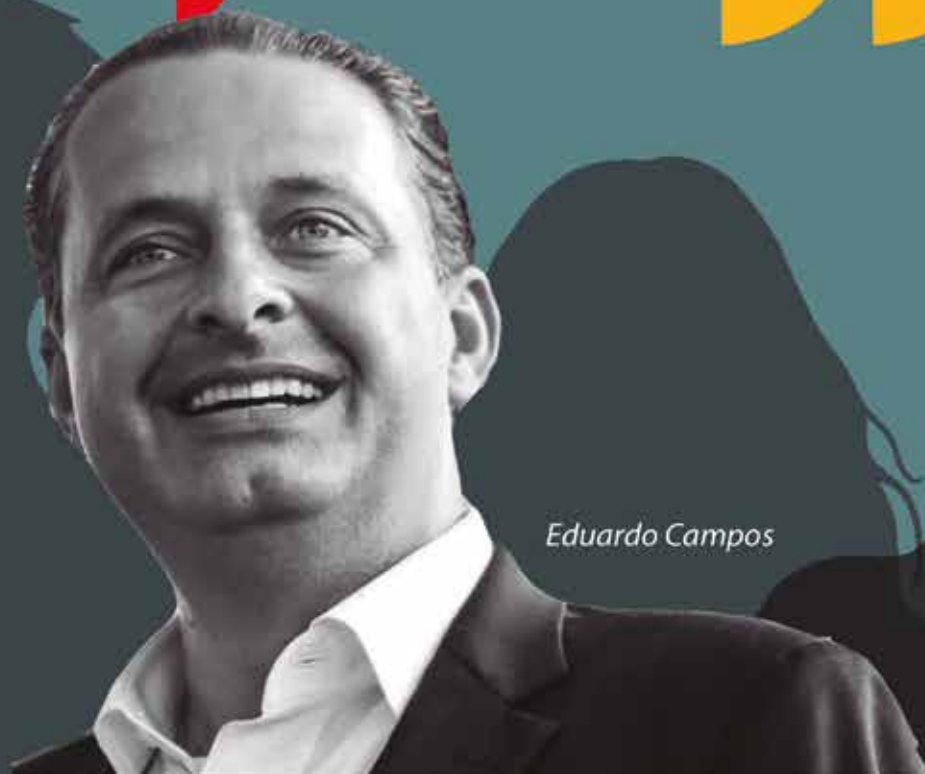
em defesa da vida, pela valorização do SUS e da democracia brasileira

Fundação João Mangabeira

“

NÃO
vamos
desistir
do **Brasil**

”




Eduardo Campos

Manifesto Pense Brasil

em defesa da articulação nacional e internacional no campo progressista

Julho/Agosto de 2020



Compreendendo as diversas manifestações realizadas durante os eventos Pense Brasil “As experiências contemporâneas de frentes progressistas: as lições uruguaia e portuguesa”, em 6 de julho de 2020, e “O papel das fundações e *think tanks* internacionais na defesa dos direitos humanos e da cidadania crítica na América Latina e no mundo”, em 3 de agosto de 2020, promovidos pela Fundação João Mangabeira (FJM) do Partido Socialista Brasileiro (PSB);

Considerando as colocações realizadas e seu potencial propositivo, firma-se, por meio deste documento, o Manifesto da Fundação João Mangabeira em defesa da articulação nacional e internacional no campo progressista.

A FJM defende como prioridades absolutas e estratégias de ação neste campo:

1. A interlocução constante entre instituições no campo progressista, nacionais e internacionais, para o avanço das pautas relacionadas aos direitos humanos, democracia e justiça social;
2. O respeito à história e direito a memória de cada país, para que não nos esquivemos dos erros outrora cometidos, como nos regimes ditatoriais;
3. A discussão sobre a formação de frentes amplas, que tornem possíveis arranjos de governo populares e democráticos;

4. A mobilização e resistência pacífica aos governos autoritários e conservadores, inclusive por meio de articulações internacionais;
5. A organização de projetos nacionais que levem em conta o desenvolvimento pleno de seus cidadãos, no campo econômico e social;
6. A utilização de tecnologias e redes sociais para disseminação de conteúdos e ideias progressistas, negando-se por completo a utilização de fake news como estratégia de impacto popular;
7. A promoção inequívoca da democracia, em todos os sentidos e para todos os povos;
8. A organização de campanhas de estímulo a participação política, seja nas eleições ou por outros canais de participação democrática;
9. A defesa dos direitos humanos para todas as parcelas e grupos da população, como marca do campo progressista em nível mundial;
10. A independência das instâncias de julgamento, em todos os lugares, exigindo que a Justiça utilize os mesmos parâmetros para casos comuns.





Cooperação Internacional na pauta da Fundação João Mangabeira

Trocar aprendizados, fortalecer as relações, cooperar. Esses foram os objetivos da viagem realizada pela diretoria da Fundação João Mangabeira (FJM) a países da Europa (Espanha e França) em outubro de 2019. O presidente da Fundação Ricardo Coutinho e o Diretor de Organizações Fabio Maia participaram de vários encontros e conheceram muitas instituições que atuam em área semelhante à da FJM.

Na Universidad Salamanca, Espanha, Ricardo Coutinho palestrou sobre “El Brasil actual después de un año de gobierno de Bolsonaro”. Na oportunidade, relatou sobre as ações do governo e refletiu o papel da esquerda nesse momento histórico. Em Barcelona, no Centre For International Affairs (CIDOB) participou de uma mesa redonda promovida pela instituição em que foi debatido modelos de parcerias entre entidades internacionais.

O percurso incluiu visita à Fundación Alternativas, Fundación Pablo Iglesias (PSOE), Federación Española de Municipios y Provincias (FEMP) e Casa Amèrica Catalunya. Em todas elas, a pauta foi o fortalecimento das relações institucionais e produções editoriais para as várias publicações das entidades.

Na França, Ricardo Coutinho e Fabio Maia visitaram a Fondation Jean Jaurès e acertaram a participação do grupo francês no Observatório da Democracia.

Como resultado dessas visitas, concretizando as parcerias iniciadas, vários representantes das instituições participaram do projeto Pense Brasil, versão virtual, realizado pela Fundação João Mangabeira.

Diálogo Internacional

A Conferência Nacional da Autorreforma do Partido Socialista Brasileiro (PSB), realizado em parceria com a Fundação João Mangabeira (FJM) em novembro de 2019, no Rio de Janeiro, reuniu cerca de 300 filiados entre integrantes do Diretório Nacional, dirigentes da FJM, governadores, parlamentares e representantes dos segmentos sociais do partido.

O encontro foi encerrado com a participação de dirigentes de instituições internacionais que falaram sobre suas trajetórias, compartilharam experiências e comentaram a realidade brasileira. A deputada Olga Alonso Suárez e os deputados João Paulo Moreira Correia e Hugo Alexandre Pulido Pires do Partido Socialista Português compuseram uma mesa mediada pelo Secretário de Relações Internacionais do PSB, o Deputado Federal Alessandro Molon e depois de suas palestras, responderam perguntas da plateia.

Além de Portugal, parlamentares do Chile e do Uruguai participaram do encontro com formação de outras mesas ao longo das atividades ocorridas no dia 30 de novembro.

PROGRAMAÇÃO EDIÇÃO VIRTUAL

As Experiências Contemporâneas de Frentes Progressistas: As Lições Uruguaia e Portuguesa

6 de julho



Ricardo Ehrlich
Ex-Ministro de Educação e Cultura,
Ex-Prefeito de Montevidéu
Frente Ampla do Uruguai
Doutor em Ciências Físicas pela
Universidade Louis Pasteur



Hugo Pires
Deputado da Assembleia
da República Portuguesa
Secretário Nacional do
Partido Socialista Português
para Organização



Wagner Iglecias
Doutor em Sociologia,
Professor da Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo
Membro do Programa de
Pós-graduação Interunidades
e Integração da América Latina/USP

EDIÇÃO VIRTUAL PROGRAMAÇÃO

O papel das fundações e *think tanks* internacionais na defesa dos direitos humanos e da cidadania crítica na América Latina e no mundo

3 de agosto

Marta Nin

Jornalista, Diretora
da Casa América Catalunya
em Barcelona/Espanha



Diego López Garrido

Vice-Presidente Executivo
da Fundación Alternativas
em Madri/Espanha
Professor da Universidade
Castilha La-Mancha



Jean Jacques Kourliandsky

Cientista Político
Diretor do Observatório
América Latina da Fondatió
Jean-Jaurès, de Paris/França
Pesquisador do Instituto de
Relaciones Internacionales y Estrategia



As Experiências Contemporâneas de Frentes Progressistas: As Lições Uruguaia e Portuguesa

Ricardo Ehrlich

Ex-Ministro de Educação e Cultura,
Ex-Prefeito de Montevideú
Frente Ampla do Uruguai
Doutor em Ciências Físicas
pela Universidade Louis Pasteur

Hugo Pires

Deputado da Assembleia
da República Portuguesa
Secretário Nacional do
Partido Socialista Português
para Organização

Wagner Iglecias

Doutor em Sociologia,
Professor da Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo
Membro do Programa de
Pós-graduação Interunidades
e Integração da América Latina/USP

Ricardo Coutinho

Moderador

Depois de uma série expressiva de debates nacionais, a Fundação João Mangabeira (FJM) expandiu suas redes para uma cobertura internacional. A 15ª edição do *Pense Brasil*, ao destacar as experiências contemporâneas de frentes progressistas, jogou luz nas lições advindas do Uruguai e de Portugal. Com as participações dos debatedores Ricardo Ehrlich, da Frente Ampla do Uruguai; o Deputado Hugo Pires, Secretário Nacional do Partido Socialista Português para Organização; e Wagner Iglecias, Professor do Programa de Pós-graduação Interunidades e Integração da América Latina, da Universidade de São Paulo (USP), o moderador Ricardo Coutinho, Presidente da FJM, fez reflexões comparativas e avaliações pontuais sobre a trajetória dessas frentes.

“O Brasil tem dificuldade em acertar as contas com a sua própria história”, asseverou Coutinho na introdução. “O País saiu de uma ditadura de 21 anos, em 1985, mas nunca tratou a ditadura do ponto de vista institucional.” Para promover a sintonia entre participantes e expectadores virtuais, o moderador narrou o trajeto político do Brasil com ênfase nas duas últimas décadas. Primeiro, referenciou as manifestações populares de 2013, identificando a experiência como um laboratório para a difusão das mídias sociais enquanto meio de manipulação. Depois, narrou a deposição do Governo da Presidente Dilma, em 2016, sem que tenha havido crime de responsabilidade comprovado. “Houve sim, uma grande junção entre uma parcela do Judiciário, através da Lava Jato, com o empresariado, capitaneado pela [Federação das Indústrias do Estado de São Paulo] Fiesp, e um acordo com a imprensa, que fez com que praticamente 99% da mídia brasileira se envolvesse nesse processo de destituição. Após isso, houve ainda o impedimento do Ex-presidente Lula em disputar as eleições.”

Na sequência, o moderador abriu aos participantes, com um questionamento individualizado para que cada um pudesse, também, sintetizar suas trajetórias recentes até o ano de 2020.

Ricardo Ehrlich iniciou afirmando ser um momento importante, no Uruguai, e esclareceu que existe uma defasagem temporal, entre alguns países, permitindo, às vezes, um aprendizado com

experiências anteriores, mas não descartou que, mesmo assistindo a outras realidades, os erros sejam similares. “Meu País passa por isso.”

Sobre a Frente Ampla, que vai completar 50 anos em 2021, criada no fim de um processo autoritário, nos anos 1970, o político uruguaio contou que o movimento seguiu o que estava acontecendo na América Latina e no continente. “A Frente Ampla surgiu como alternativa, uma resposta aos anos que chamamos de Anos de Chumbo.”

Com a atuação dos movimentos de luta armada, a repressão, por parte do Estado, com o uso da força, do autoritarismo e uma recessão econômica sem precedente, a criação da Frente Ampla propôs que setores políticos, até então muito distantes, se juntassem. Entre eles, o Partido Comunista, o Partido Socialista, os setores progressistas, incluindo os cristãos, católicos, não católicos, partidos identificados como tradicionais e até mesmo a parte da direita com posicionamento de centro mais à margem. Essa confluência permitiu que chegassem a um progressismo fortemente democrático, republicano. “Essa confluência se produz e se mantém até hoje”, acrescentou o político.

Para explicar como a Frente Ampla consegue se manter unida, Ehrlich contou que sua formação foi precedida por um movimento popular sindical muito forte, que promoveu o debate sobre a necessidade do encontro, da busca por uma ferramenta unitária. “A ideia era que nós todos tínhamos a fortaleza. Foi assim com diferentes setores.”

Primeiro foi criada uma Central Única de Trabalhadores, que tem ampla instância popular, chamada Congresso do Povo. Uma referência, ainda nos dias de hoje, no Uruguai.

Algumas avaliações, Ricardo Ehrlich só consegue concluir agora, ao fazer o exercício de olhar para trás e observar os movimentos, alguns naturais, outros politicamente construídos. Nos últimos anos, foi possível perceber que algumas raízes que levaram à confluência dos partidos e movimentos, no Uruguai, refletiam a influência que a nação sofreu com a guerra da Espanha. “Todos os exilados que chegaram ao Uruguai, a presença deles nos aspectos culturais, até na questão de trabalho e política, precisa ser considerada.”

A experiência da república espanhola e da guerra da Espanha, de alguma forma, marcou, segundo Ehrlich, os dirigentes mais velhos do Uruguai. “O comunismo, a esquerda, o socialismo e ainda os republicanos que seguem uma tradição de esquerda apresentam essa relação histórica.” Para o representante da Frente Ampla, esse fator é significativo, em um momento de análise da experiência ocorrida no Uruguai.

Outro elemento importante, para Ehrlich, é que, no momento da fundação da Frente Ampla, houve, além da confluência das organizações políticas, um forte movimento social chamado “Independente”, que não estava enquadrado em nenhum grupo político. Foi um componente paralelo à aliança, gerando força política e representatividade.

Dois componentes precisam ser considerados, para melhor entender o período no Uruguai: A coalizão de partidos e organizações políticas e o movimento social. “A frente mantém, até hoje, essa dualidade de coalizão e movimento, o que leva a uma arquitetura muito complexa, institucional, para tomar decisões em instâncias de congressos, para assegurar a confluência de todas as opiniões.” Apesar da dificuldade de gestão, Ehrlich entende ser estruturante, essa diversidade interna organizada em dois pilares. “A unidade dessas duas forças, que mantém matizes e diferenças, consegue sintetizar, às vezes com muito trabalho, às vezes de forma mais rápida, os resultados. Não sem articulações, até a criação de um caminho conjunto.”

O político apresentou um terceiro componente, que explica o fortalecimento da Frente Ampla do Uruguai, que é o programa. Criado em 1971, o documento atravessou a ditadura, os primeiros períodos de recuperação da democracia e sempre era atualizado. Elaborado coletivamente, aprovado em congressos, esse programa viabilizou o compromisso com a população e o processo de acumulação.

Ehrlich narrou as vitórias, o crescimento e a forma como a Frente foi ocupando os espaços, mas refletiu sobre a derrota também. Ao fazer isso, enfatizou: “A derrota eleitoral precisa ser assumida e é difícil, mas não foi derrotado o projeto político, o projeto continua”.

O Deputado Hugo Pires iniciou sua fala definin-

“Só um Estado socialmente forte
permite que se possa ter uma
segurança no presente para que
possamos desenvolver a nossa
vida e conseguirmos também,
com confiança e estabilidade,
projetar o nosso futuro”


Deputado Hugo Pires

do o Partido Socialista (PS) de Portugal motivado a fazer com que todos percebessem quais são e o que baliza os ideários do Partido.

Com 47 anos de história, a trajetória do PS confunde-se com a luta pela liberdade de expressão, com o serviço nacional de Coimbra; pela escola pública; pela proteção social pública, o combate a todo tipo de desigualdades que, segundo o deputado, formam a identidade do partido. “Essa é a marca enquanto partido progressista e transformador da sociedade portuguesa.”

Comprometidos com a realização e a felicidade de cada indivíduo, uma das pautas estruturantes do PS, relatou o deputado, é a busca por igualdade de oportunidades a ser ofertada pelo Estado, independentemente da condição social, do gênero ou da orientação sexual. “Só um Estado socialmente forte permite que se possa ter uma segurança no presente para que possamos desenvolver a nossa vida e conseguirmos também, com confiança e estabilidade, projetar o nosso futuro”, reiterou o político português.

Em 2014, o Partido Socialista iniciou um novo caminho, que o levou até a eleição de António Costa, como líder do PS, e à candidatura, em 2015. Era um momento político e econômico difícil, em Portugal. O País estava sob a proteção do Fundo Monetário Internacional (FMI), de instâncias internacionais e havia uma crise financeira, econômica e social instalada em Portugal. “Nós assumimos um discurso contra a corrente e afirmamos que tínhamos uma



alternativa à austeridade e às políticas de austeridade que a direita estava impondo ao País.”

Os partidos de direita governaram Portugal até 2015. Imprimiram, segundo o deputado, políticas de austeridade, fazendo com que milhares de pessoas deixassem o País à procura de uma vida melhor. O socialista contou que muitas empresas foram fechadas e que as famílias portuguesas passaram por dificuldades significativas. As desigualdades aumentaram de forma exponencial e muitas pessoas ficaram sem casa. Os jovens tiveram dificuldade de continuar os estudos porque os pais não conseguiam mantê-los. A busca por trabalho era, às vezes, a única possibilidade para ajuda na economia familiar. “Esses foram anos terríveis para Portugal e para os portugueses”.

A coligação de direita iniciou um processo de desmantelamento do Estado, vendendo as empresas públicas mais rentáveis. “Varreu-se para debaixo do tapete muitos planos da Renca (empresa pública portuguesa), desinvestiu nos serviços públicos, na educação, na saúde, porque queria que a saúde fosse prestada sobretudo pelos privados e quis avançar com o processo que culminaria na privatização da proteção social. O governo cortou de forma drástica nos salários dos funcionários públicos e nos mínimos sociais.”

O plano da direita, até 2015, era entregar o Estado aos privados, contou o deputado. Eles apostavam em uma economia de baixos salários com aumento de impostos.

A união da coalizão denominada Geringonça e os partidos de esquerda aconteceu nesse momento. “A palavra ‘austeridade’ precisava ceder espaço para a palavra ‘dignidade’. E a direita dizia que não havia outra solução que não essa receita que eles apresentavam.”

Em 2015, realizaram-se as eleições em Portugal e o Partido Socialista não venceu. A explicação do deputado para a derrota foi o discurso do medo reiteradamente propagado pela direita. “Eles abriram fraturas na sociedade portuguesa, pondo jovens contra pessoas mais idosas, funcionários públicos contra setores privados. Foi pondo uns contra os outros que a direita se manteve no governo.”

“Nós estamos enfrentando uma década de crescimento praticamente negativo, talvez a pior década da história do Brasil, em muitos anos, com desemprego crescente, crônico, recessão, quebraadeira de empresas, o desalento de milhões de trabalhadores levados à informalidade, ao subemprego e, ao mesmo tempo, um desgaste do sistema político, dos partidos políticos tradicionais, um desgaste das instituições”

Wagner Iglesias

Embora não tenha conquistado a presidência, o Partido Socialista e os partidos da esquerda, em Portugal, fizeram a maioria no Parlamento. Foi a primeira vez, em 46 anos de democracia, que o Partido Socialista se aproximou do governo do País. “Sequer passava pela nossa cabeça que os partidos da nossa esquerda pudessem estar numa situação de governabilidade do País. Nós conseguimos fazer isso. Montamos a Geringonça. Normalmente associamos a palavra “geringonça” a uma máquina muito frágil e que, ao longo, facilmente avaria, mas nós conseguimos que essa geringonça funcionasse, tivesse sucesso e conseguisse tirar Portugal do problema em que estava”, contou feliz o deputado, mudando o tom da voz, agora ainda mais entusiasmada.

O processo não foi todo ele linear; houve resistência interna do partido, que precisou ser dirimida, ao longo do trajeto. Ao assinar acordos com os partidos, o grupo validou a participação de todos. A falta de compreensão, em alguns momentos, fez com que os políticos de esquerda seguissem no limite.

Os objetivos eram claros: recuperar os rendimentos, aliviar a carga fiscal, diminuir as desigualdades, e

essa foi a base do pacto que uniu a todos naquele momento à frente da Assembleia.

O deputado mostrou-se recompensado, ao narrar algumas vitórias. “Nós tivemos o déficit mais baixo desde que vivemos em democracia. Reduzimos a dívida; reduzimos drasticamente o desemprego; e a economia cresceu acima da média da União Europeia”, ressaltou o político português.

Em termos de reconhecimento, um exemplo compartilhado foi a representação de Portugal na União Europeia. “A esquerda portuguesa conseguiu reduzir as desigualdades e reduzimos o fosso entre ricos e pobres e conseguimos, ao mesmo tempo, acertar as contas e fazer o País crescer, criar riquezas, gerar empregos e promover o bem-estar para a sociedade portuguesa.”

O professor Wagner Iglesias historicizou a trajetória da Frente Ampla do Uruguai complementando a fala de Ricardo Ehrlich e buscando aproximações com a política brasileira. Tratou do golpe militar de 1973 e a retomada da democracia, a partir de 1985. “Quando a frente ampla foi criada, ela se deparou com dois partidos muito tradicionais do Uruguai, o Partido Nacional e o Partido Colorado, que são da primeira metade do século XIX; são dois partidos da oligarquia uruguaia, um mais conservador, mais rural, que é o Partido Nacional, e, o outro, de base mais urbana e um pouco mais liberal, que é o Partido Colorado.” Iglesias reiterou que o surgimento da Frente foi possível também dada a fragilidade desses dois partidos, na década de 1970.

Sobre a Geringonça, em Portugal, o professor brasileiro identificou a iniciativa como um movimento com reflexos na política, mas centrado, pelo menos inicialmente, nas questões econômicas. “A Geringonça surgiu como uma inédita união de setores progressistas”, disse, fortalecendo a explanação do deputado.

Com relação ao Brasil, nas palavras do professor, a formação de uma frente ampla tem sido muito discutida e o debate está estruturado em dois eixos: o político e econômico. “Os fatores econômicos são amplamente conhecidos. Nós estamos enfrentando uma década de crescimento

praticamente negativo, talvez a pior década da história do Brasil, em muitos anos, com desemprego crescente, crônico, recessão, quebraadeira de empresas, o desalento de milhões de trabalhadores levados à informalidade, ao subemprego e, ao mesmo tempo, um desgaste do sistema político, dos partidos políticos tradicionais, um desgaste das instituições.”

Ricardo Coutinho reconduziu o debate pedindo para que os convidados do Pense Brasil falassem sobre a eterna tensão entre estado de direito, democracia e autoritarismo. Mesmo sendo três histórias diferentes, no Uruguai, em Portugal e no Brasil, existem pontos de intersecção entre elas. Para Coutinho, às vezes, o autoritarismo não é propriamente uma ditadura militar. “O autoritarismo, hoje, vem muito em função do crescimento dos grupos de extrema-direita.”

Ricardo Ehrlich reconhece haver uma corrente restauradora como alternativa para frear o movimento conduzido pela extrema-direita. Ele identificou algumas manobras perversas, desse grupo capitalista; entre elas, o discurso que provoca a irritabilidade e, outra, muito danosa, que é a destruição da memória. “Isso, de alguma forma, retrata uma distorção do relato ou uma construção de uma imagem falsa de laboratório, em que realmente os movimentos de esquerda, os movimentos progressistas, ainda não têm conseguido responder.”

Para o político uruguaio, além de uma coalisão entre partidos e movimentos de esquerda, é preciso preparar uma coligação para governar que tenha como base a solidariedade, a igualdade e o direito à liberdade. Ele asseverou que o crescimento com distribuição de riquezas é possível e que há bons exemplos de propostas exitosas. É preciso difundir esses conceitos.

“Portugal não é uma ilha”, iniciou o deputado Hugo Pires. Depois descreveu a situação da extrema-direita na Europa, no Brasil e nos Estados Unidos. Para passar o sentido de possibilidade de reversão política, lembrou que, por 41 anos, prevaleceram a ditadura e a direita, em seu País. Segundo o deputado, os partidos clássicos da direita estão com problemas para se afirmarem com um programa

alternativo e forte para cobrir esse campo político.

O Partido Popular da Espanha é um exemplo. Sem conseguir dirimir seus problemas internos, sofreu um esvaziamento, com a criação do Vox, em 2013. O Brasil tem muitos outros casos semelhantes. Siglas que se multiplicam, tentando se reinventar. “E tem, em Portugal, o Partido Social Democrata, que criou o Partido Chega, uma opção de extrema-direita. Trata-se, sobretudo, de um aproveitamento de um vazio público que se criou na direita”, contou Hugo Pires.

Uma sentença do deputado dimensionou o problema dos partidos. “Não existem respostas simples para problemas complexos.” Segundo ele, a extrema-direita, representada por Bolsonaro ou Trump, simplificou muito a mensagem, desqualificando o debate.

Em Portugal, o partido da extrema-direita ataca a esquerda, mas nunca ataca o Partido Comunista, analisou Hugo. E assim o faz por um motivo simples, continuou. “Eles têm os trabalhadores como um dos seus alvos eleitorais.”

Os partidos tradicionais desgastaram-se, incapazes de se reinventarem e muitas vezes minados pela corrupção. Eles prometeram políticas e medidas que não conseguiram cumprir. Essa trajetória irregular dos partidos tradicionais tem despertado, no eleitorado, o desejo de experimentar novas políticas, novos partidos. “O eleitor, em alguns lugares, está fugindo para as franjas”, concluiu o deputado.

Sobre o Brasil, avaliou que há uma ilusão muito solidificada, das elites econômicas, financeiras, sociais e intelectuais. “Essa ilusão, associada a casos de corrupção, destrói democracias e cria um caldo perfeito para a mudança dos estados estabelecidos.”

Depois de narrar um fato recente em seu País, relacionado à pandemia, sobre o comportamento da direita, que saiu à rua, e a imprensa anunciou: “Habituem-se, que a direita e a extrema-direita, a partir de agora, também vão sair à rua”, o deputado concluiu que a normalização desses partidos é perigosa porque eles farão a democracia corroer por dentro. “É um combate difícil, mas é um combate que nenhum país faz sozinho e acho que tem

que haver, por parte dos partidos progressistas, de esquerda, compromisso e união. A Internacional Socialista tem um papel fundamental, para juntar todos, a fim de que possamos desenhar estratégias para combater esses fenômenos perigosíssimos.”

O professor Wagner Iglecias não tem qualquer dúvida de que o crescimento da extrema-direita, neste momento, é um fenômeno global. Lembrou do Brasil; dos Estados Unidos; da Hungria, com Orbán; das Filipinas, com Duterte; da Polônia; Turquia. Os parlamentos também estão sendo ocupados por representantes da direita. Para explicar, mencionou o fato de a democracia liberal estar sob forte questionamento, por parte do cidadão comum.

Na análise de Iglecias, muitos eleitores não relacionam o voto com políticas sociais. Parecem não fazer conexão entre a política e o partido. “Essa é provavelmente uma ideia que tem motivado muitos eleitores em diversas sociedades em vários países no mundo a votarem nos chamados outsiders, naqueles candidatos que se apresentam diferente de tudo o que está aí, diferentes dos partidos tradicionais.”

Outro perfil de eleitor é aquele que tem a ideia generalizada de que a política foi cooptada pelas oligarquias partidárias, pelas elites dos partidos e, por isso, se esquivava de qualquer participação. Trump, quando foi eleito, fez um discurso referenciando aquele que somente tem perdido, nas últimas décadas. Esse é outro grupo, segundo o professor, que, ao perder salário, poder de compra, emprego, status, se compara com aquele que concentrou renda e poder e se distancia da política sem enxergar nela o mecanismo de mudança.

As transformações tecnológicas, genericamente do mundo do trabalho, que terminaram com a classe operária, também empenharam mudanças sociais em países do mundo inteiro. “Os milhões de operários filiados em sindicatos, participando ativamente em campanhas por melhores salários, melhores condições de trabalho, não exercem mais as mesmas funções.”

Essa nova rotina do operário tem impacto

“O centro da questão está em construir uma proposta progressista com as pessoas. Fortalecer os coletivos e permitir que as pessoas participem, fazer com que elas voltem a vislumbrar a possibilidade de viverem vidas melhores, como resultado de boas políticas”

Ricardo Ehrlich

também nos partidos do campo progressista, que se enfraquecem pela ausência daqueles que, no passado, saíam às ruas, fechavam as fábricas e formavam lideranças.

Ainda sobre a tecnologia, Wagner Iglecias sustentou que a direita se qualificou antes, e mais do que a esquerda, em utilizar instrumentos de comunicação rápida e eficiente para conectar-se com o eleitor, fazendo-se vítima mais fácil das fake news. “Tem toda uma nova geração, gente muito jovem, que se entende na vida social através da interação tecnológica, do virtual. As esquerdas precisam saber falar com essas novas gerações, com a juventude, com os adolescentes, que estão entrando na vida cidadã, na vida política”, enfatizou o professor da USP.

Ricardo Coutinho entrou na conversa para avaliar que a comunicação tecnológica pode ser um instrumento de manipulação e a base para isso são as emoções, principalmente as piores emoções. Referiu-se à Brexit, no Reino Unido; à eleição de Trump; momentos políticos em que o uso das mídias sociais interferiu nos resultados. O presidente da FJM ressaltou ainda que, geralmente, as campanhas têm enaltecido o ódio, o dissenso.

“A irracionalidade é muito forte”, disse Coutinho. Capaz de desestabilizar os processos democráticos existente em várias partes do País.

Ao retomar a conversa com os debatedores,

ele indagou se essa frente socialista desejada deveria ter algum formato temporário, simplesmente para reestabelecer as bases da esquerda, ou se o melhor modelo prevê um projeto de governo e governabilidade.

Ricardo Ehrlich começou dizendo que os setores conservadores que buscavam e ainda buscam voltar ao governo a partir da propagação do discurso do medo, pelas mídias sociais, estão cada vez mais fortes. “No Uruguai, esse fenômeno está presente.” Para ele, o centro da questão está em construir uma proposta progressista com as pessoas. Fortalecer os coletivos e permitir que as pessoas participem, fazer com que elas voltem a vislumbrar a possibilidade de viverem vidas melhores, como resultado de boas políticas.

O deputado português Hugo Pires aposta em uma frente programática. “O limite de Portugal é uma frente programática progressista de centro-esquerda e que se reveja num programa e num ideal em alguns pontos de convergência.”

Pensando no Brasil, o debatedor foi direto, ao afirmar que a frente deveria ser ampla, exatamente porque o desafio é enorme. Apesar de se apresentar como um socialista democrático, o português colocou a liberdade como um ponto de defesa ainda superior. E, em nome desse desejo de liberdade, a pluralidade deve ser a voz de comando, no momento da criação da frente representativa da esquerda brasileira.

Para Wagner Iglecias, a democracia deve ser o fio condutor, no momento da criação de uma frente ampla, no Brasil. “É preciso a garantia das liberdades civis, políticas, dos direitos relativos à democracia. É para que toda e qualquer pessoa possa militar, possa se expressar, participar da vida pública sem nenhum tipo de constrangimento.”

Entretanto, acrescentou Iglecias, “essa frente pode ser alargada do ponto de vista das suas pautas”. Para ele, a efetivação dos direitos sociais previstos na Constituição de 1988 deve ser o ponto mais importante.


Depois de tantas reflexões sobre o presente, com base em análises dos vários comportamentos sociais passados, o moderador desafiou os debatedores a analisarem o futuro.

O representante da Frente Ampla do Uruguai, Ricardo Ehrlich, reiterou que a resposta não podia desconsiderar a pandemia provocada pelo coronavírus. Ele avaliou que uma das preocupações maiores, antes desta reviravolta epidêmica, era o contexto internacional pautado nos campos político e econômico. O continente americano e seus países, segundo Ehrlich, vinham de um desgaste político que exigia restauração. Mas que, na atualidade, a questão econômica do povo de cada Nação ganhou relevância, em relação a qualquer outra debilidade.

As incertezas provocadas pela pandemia também foram analisadas pelo deputado Hugo Pires. Para ele, o desígnio da boa governança tem dois aspectos essenciais. O primeiro, prometer somente aquilo que é possível cumprir e, o segundo, combater sem tréguas a corrupção. Ambicioso em relação ao destino de seu partido e ao rumo da política de Portugal, país que se destaca cada vez mais diante das potências europeias, o deputado concluiu emblematicamente afirmando que “uma comunidade ou uma sociedade que deixa alguém para trás não é uma sociedade decente e é isso o que o PS ambiciona”.

Entre os desafios mais emergentes, enquanto humanidade, Hugo Pires relacionou o combate às desigualdades; a melhoria do acesso aos serviços públicos; e o compromisso com as agendas mundiais de controle do aquecimento climático. “Portugal foi o primeiro país, em nível mundial, a assumir o compromisso de atingir a neutralidade carbônica até 2030”, relatou orgulhoso o deputado do PS português.

O brasileiro Wagner Iglecias analisou o futuro com base na pauta inicial do debate e voltou para a questão da frente. Nesse sentido, asseverou que, no caso do Brasil, o desafio do futuro está em resolver, na atualidade, a questão da formação de uma frente ampla, visto a existência de muitos entraves, questionamentos, desacordos. E, na sequência, a articulação coletiva de uma pauta comum a ser organizada em um programa que efetivamente consiga promover a defesa dos valores da democracia.



O papel das fundações e *think tanks* internacionais na defesa dos direitos humanos e da cidadania crítica na América Latina e no mundo

Marta Nin

Jornalista, Diretora
da Casa América Catalunya
em Barcelona/Espanha

Diego López Garrido

Vice-Presidente Executivo
da Fundación Alternativas
em Madri/Espanha
Professor da Universidade
Castilha La-Mancha

Jean Jacques Kourliandsky

Cientista Político
Diretor do Observatório
América Latina da Fondatió
Jean-Jaurès, de Paris/França
Pesquisador do Instituto de
Relaciones Internacionales y Estrategia

Ricardo Coutinho

Moderador

A 20ª edição do *Pense Brasil* fechou um ciclo de debates produzido pela Fundação João Mangabeira (FJM), entidade vinculada ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), que permitiu, a partir de leituras setorializadas de problemas, uma visão ampla de mundo. “Foram análises de conjuntura atualizadas e necessárias”, disse o presidente da FJM e moderador dos encontros virtuais, Ricardo Coutinho

Ao introduzir o tema dessa 20ª edição, ele abordou as crises que assolam o planeta. “São crises políticas, sociais e econômicas, no mundo inteiro. Crises anteriores à covid-19, entretanto, acentuadas pela pandemia. Mas, antes de tudo, crises oriundas de uma falência do sistema de predominância neoliberal.”

Os três debatedores foram, inicialmente, motivados a avaliar como um mundo com tantas riquezas foi capaz de chegar a esse estágio de carências.

“A pergunta é bastante filosófica”, iniciou a jornalista espanhola, Marta Nin, Diretora da Casa América Catalunya, em Barcelona. “Acho que antes da declaração do estado de pandemia, as ruas de muitas cidades estavam ocupadas por cidadãos que exigiam processos econômicos de acordo com os direitos humanos, sociais e da natureza. As ruas estão vazias, e as exigências seguem”, ponderou a debatedora.

Marta referiu-se a alguns comentários de cientistas sobre essa realidade recente ser um ensaio do que deverá vir a ser a rotina no planeta, em especial, como consequência das questões climáticas. “O desafio para a humanidade é muito grande”, certificou a jornalista, aparentando insatisfação.

Em sua narrativa, Marta Nin descreveu o processo transitório, em que a humanidade transformou uma riqueza específica, natural, em outro tipo de riqueza e acrescentou que o método de transformação baseou-se na exploração. “A lógica da exploração e maltrato da natureza é uma lógica absurda de sobrevivência.”

A pandemia, segundo a diretora da Casa América Catalunya, coloca para a humanidade desafios ainda maiores. Ao abordar o relatório de Oxford, divulgado em agosto de 2020, com a informação de

que 52 milhões de pessoas na América Latina passariam para a linha da miséria, concluiu ser um retrocesso de dez anos, que coloca abaixo todos os avanços promovidos para a superação da pobreza.

O que mais pareceu indignar a debatedora é o fato de ter havido anúncios de que tudo isso aconteceria. De que um pequeno vírus trancaria a humanidade dentro de casa e os processos econômicos parariam. “Em comunicação, se diz que para comunicar não basta falar, é preciso garantir que outra pessoa escute. E acho que toda informação estava aí. Discursos científicos, políticos e até novelas avisavam que nós não podíamos continuar com os mesmos hábitos de consumo e com o mesmo sistema de vida, se quiséssemos seguir todos vivendo aqui no Planeta Terra.”

A espanhola de Barcelona afirmou que as informações estavam disponíveis, o que faltou foi confiança nos dados. Nesse sentido, sobre o futuro, asseverou que o colapso está anunciado e que é tempo de imaginar mudanças que realmente possam garantir um futuro diferente.

Entre essas mudanças, Marta Nin destacou a devastação das florestas e o aumento dos refugiados. “Os refugiados já são refugiados climáticos das zonas mais pobres; eles vão viver de uma forma muito mais dura em relação à mudança do clima. Parte da sociedade poderá seguir como estamos agora, focados na Internet, trabalhando em casa, seguiremos com as nossas relações sociais, junto com os familiares, e as crianças poderão continuar estudando, mas muitas pessoas não terão essa possibilidade.” A jornalista chamou esse processo de humanismo digital.

Apesar da narrativa dura sobre a realidade, Marta Nin mostrou acreditar na reversão. “Temos que entender que podemos e devemos ser capazes de mudar isso, porque os dados estão aí e sabemos o que podemos fazer para que isso não se repita.”

O Cientista Político, Jean Jacques Kourliandsky, Diretor do Observatório América Latina da Fundación Jean-Jaurès falou na sequência. Ele abordou a questão da crise multidimensional, polifacética e afirmou que sua preocupação é a capacidade, ou não, de os sistemas políticos internacionais regula-

“São profundas contradições sociais. A história da humanidade é em si uma trajetória de contradições. E um avanço fundamental da humanidade foi basicamente monopolizado pela Europa, que foi a introdução do Estado de Direito da democracia, do Estado de Bem-Estar e dos direitos fundamentais”

Diego López Garrido

mentarem, de fabricarem respostas para todas as dimensões dessa crise.

Para esclarecer, exemplificou lembrando que, durante a pandemia provocada pelo coronavírus, que afetou fortemente a França, ocorreram eleições municipais, com a vitória de mais de 60% do padrão eleitoral, e participação de menos de 10%, 15% dos eleitores. Isso pode significar uma democracia de abstenção. “Os partidos políticos na França, por exemplo, estão sendo desafiados a encontrarem canais que possam permitir a recuperação do interesse dos cidadãos pela questão pública”, avaliou o francês.

Sobre o comportamento de outros países da Europa, como Hungria e Polônia, por exemplo, onde existe um sistema de liberdade pública com dependência da justiça, os meios de comunicação estão sendo atacados por um governo que supostamente teria que dar o marco democrático europeu.

Em relação ao Brasil, Jean considerou ser uma situação ainda pior. “O Presidente é catastrófico e tem o apoio de 25% a 30% dos eleitores. Aqui são várias as crises, inclusive a sanitária.”

Nessa linha, o cientista político abordou os Estados Unidos como um modelo semelhante, em que a crise sanitária está levando ao agravamento da crise política.

Para Jean, o mais importante deste momento não é identificar os distintos aspectos da crise, mas lidar com o desafio dos partidos em organizarem propostas que respondam às expectativas da população. “É preciso que eles se concentrem em problemas de como enfrentar a crise, e não percam de vista o desafio de permanecerem no poder.”

Venezuela e México também foram lembrados pelo pesquisador. Para ele, ambos os países estão se aprofundando na crise democrática. Em especial sobre o México, citou o embate contra a corrupção.

Ao concluir sua primeira participação, o francês enfatizou, pensando a partir das organizações, que o mais importante a ser analisado é o fracasso dos partidos políticos e dos meios de comunicação, no caso das fundações. “Conhecemos as crises econômicas, sociais, ecológicas, e temos que conseguir criar respostas com capacidade para interessar aos cidadãos. Se eles não estão interessados, nada é possível ser feito. Não é possível apresentar soluções”, concluiu Jean Jacques.

O professor Diego López Garrido, Vice-Presidente Executivo da Fundación Alternativas, com sede em Madri, concordou com o tom filosófico da pergunta, já anteriormente mencionado por Marta Nin. Ele entende que o conjunto de perguntas que precisa ser respondido confere ao debate esse lugar proposto pela filosofia. “São profundas contradições sociais. A história da humanidade é em si uma trajetória de contradições. E um avanço fundamental da humanidade foi basicamente monopolizado pela Europa, que foi a introdução do Estado de Direito da democracia, do Estado de Bem-Estar e dos direitos fundamentais.”

Segundo o professor espanhol, é necessário colocar com clareza que o fundamental, para se ter um país justo, e para conseguir preservar os direitos humanos, é garantir um Estado poderoso e instituições públicas sólidas. “Ao avaliar a história da humanidade, a história dos impérios antigos, de nações que caíram em profunda depressão, é possível observar que a explicação dessas quedas estava relacionada com o mal funcionamento da política.”

Para Diego, o essencial é o funcionamento da política por meio de instituições que representam o interesse geral, em vez do interesse particular.

Sobre a América Latina, o espanhol avaliou a informalidade existente no campo econômico, o que ele chamou de “economia submersa”. Por outro lado, citou a falta de instituições poderosas para fazer com que as classes mais dominantes, as grandes empresas, como as multinacionais norte-americanas, as empresas digitais que estão no mundo todo, se incluam em um projeto de Estado justo e igualitário.

A Europa poderia ajudar, segundo Diego, os demais continentes, com a criação de instituições públicas mais democráticas e mais poderosas, para amparar a ancoragem no sistema fiscal tributário que permita ao Estado intervir na economia e assim mudar as estruturas injustas. Apesar de anuir que existam paraísos fiscais na Europa, o professor utilizou o dado de que, na América Latina, o peso fiscal representa 17% do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto na Europa são 40%, para evidenciar a necessidade de fortalecer as instituições públicas enquanto promotoras do bem-estar social. “O problema fiscal, o modelo de tributação, dos impostos, é o que ficou pendente em muitos países do mundo, até os mais avançados.”

Ainda segundo o espanhol, esse estado pandêmico evidenciou a fragilidade das instituições de governança mundial, como o G-7 e G-20, citou ele, que ficaram ausentes, sem intervir em um momento tão crítico do planeta.

A crise do covid-19 serviu, na conclusão de Diego López Garrido, para enaltecer a importância do Estado. Nessa fase de calamidade, até mesmo os liberais aclamaram pela atuação do poder público constituído e organizado, enquanto estado de poder. “Quando chega o momento de dificuldade, todos recorrem ao Estado, ao público.”

O primeiro passo, dentro da estrutura econômica, deveria ser, na análise do Vice-Presidente Executivo da Fundación Alternativas, fazer das instituições públicas, entidades poderosas, capazes de defenderem o interesse geral, que tenham uma administração competente, uma política que não seja corrupta e a legitimidade de governos democráticos. “Essa é a aspiração que devemos ter para todos os países do mundo. O primeiro passo é ter um Estado forte”, finalizou assertivo em sua primeira intervenção.

Ricardo Coutinho aproveitou a fala de Diego para enfatizar que houve, dentro desse processo pandêmico, um desnudamento, que evidenciou o despreparo da maioria dos países na gestão dos seus sistemas de saúde. Para ele, além disso, ficou ainda mais profundo o fosso social provocado pelo neoliberalismo. “Até nos países ditos mais desenvolvidos, com economia evidentemente mais forte, está sendo possível observar o distanciamento social.”

Prevendo um embate entre os defensores do status quo e aqueles que almejam uma nova oportunidade de promover a mudança em prol da igualdade, Ricardo Coutinho desafiou os debatedores internacionais a responderem quais são as principais, novas e urgentes demandas que a humanidade tem diante de si.

Marta Nin iniciou asseverando não ser este um bom momento para a democracia. E alertou que a humanidade tem que ficar atenta ao populismo, que tende a dar respostas rápidas e mais fáceis para problemas profundos.

“Na Casa América Catalunya, nós falamos de direitos humanos, trabalhamos com isso”, disse a jornalista, a fim de introduzir a narrativa sobre sua memória de um discurso que ouviu da colombiana Francia Márquez. “Ao ouvi-la, me senti privilegiada, enquanto mulher que vive na Europa. Naquele dia, ela chamou a atenção das mulheres europeias sobre a nossa responsabilidade em ajudar a mudar

**“Muita gente pensa que
não serve para nada votar.
Deveriam fazer uma
tentativa de levar a política
de democracia para
diferentes níveis sociais”**

Marta Nin

o curso do que está acontecendo. O mais difícil, foi quando ela disse que os nossos privilégios estão baseados nos sacrifícios de outras mulheres”.

No caso das questões ambientais, essas relações intrínsecas estão muito bem definidas. Um país que desrespeita a natureza, e contribui para o aquecimento global, afeta o planeta em sua totalidade.

Sobre a participação social, Marta retomou a contribuição de Jean reforçando que algumas pessoas se abstêm do processo democrático, enfraquecendo-o. “Muita gente pensa que não serve para nada votar. Deveriam fazer uma tentativa de levar a política de democracia para diferentes níveis sociais.”

Jean Jacques Kourliandsky seguiu analisando a pergunta feita por Ricardo Coutinho de um ponto de vista progressista. Ele avaliou que, de forma transversal, haveria de se propor a necessidade da perspectiva. “Estamos vivendo em uma sociedade que está dentro de um marco da globalização financeira de uma política de mercado, que vive o momento presente, o presentismo, e que perdeu a visão de um horizonte.”

O Cientista Político avançou em sua análise ponderando que, às fundações de esquerda, caberia ‘reprovar’ essa necessidade de uma visão de médio e longo prazos. Para ele, é importante sair da comunicação política de consenso interclassista e admitir que existem contradições e enfrentá-las. “Se não propusermos essas prioridades, vamos entrar em um mundo onde vão se aprofundar as contradições entre Estados”, sentenciou o francês.

Para garantir a compreensão sobre sua afirmação, exemplificou indicando o que está acontecendo na África do Norte, com a Líbia; no mundo árabe, no Iraque; no mundo muçulmano, onde existem elementos de crises muito fortes dentro dos Estados. Depois fez auto avaliação. “Nem ao menos dentro dos Estados europeus, supostamente mais equilibrados, vemos um auge de partidos nacionalistas, xenofóbicos, que tomam os imigrantes que vêm de longe como bodes expiatórios.”

Para atingir os objetivos anteriormente

“Existe uma crise e, para mim, a Europa teria que enfrentar esses problemas com prioridade e potencializar o multilateralismo”

Jean Jacques Kourliandsky

citados, Jean Jacques elencou iniciativas necessárias: recuperar as capacidades soberanas; apoiar a educação e não ter só uma educação prática, mas uma educação cidadã; valorizar a democracia.

No âmbito internacional, depois da eleição do Presidente Trump, o momento é caótico, avaliou o francês, ao certificar que o multilateralismo está em crise. O fato de os Estados Unidos terem saído da Organização Mundial da Saúde (OMS), da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), da Conferência das Partes (COP-21), da Cumbre Climática, e não entrar no Acordo de Marrakech sobre os problemas migratórios, fomenta-se, a partir desse comportamento, uma abrangente desordem internacional.

O mais preocupante, segundo Jean, é que, na Europa, elementos de livre comércio estão superando a necessidade de respeitar os códigos democráticos dentro da União Europeia. “Existe uma crise e, para mim, a Europa teria que enfrentar esses problemas com prioridade e potencializar o multilateralismo.”

Para o europeu, todos deveriam torcer pela vitória de um candidato democrata nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, para ampliar as chances de recompor a emancipação do país, na comunidade internacional, e não contribuir para uma nova guerra fria.

Diego López Garrido seguiu como se fosse uma conversa e concordou sobre a necessidade de fortalecer o multilateralismo em combate ao unilateralismo.

Depois retomou a análise do mundo pós-covid-19. Sobre o acordo que vai fazer circular 750

milhões de euros, para favorecer os países mais afetados pela pandemia, ele ponderou ser basal para o avanço necessário. E concluiu que o mais importante, neste momento, além de evitar o bipolarismo geopolítico entre os Estados Unidos e a China, é tratar do retorno das pessoas do século XXI, para que desenvolvam a ideia do progresso.

O professor espanhol intensificou o debate refletindo sobre o comportamento da sociedade. “Quando nós estávamos numa idade adolescente, nossa visão de futuro era que íamos progredir, avançar, viver melhor. Agora, os jovens pensam que vão viver pior e que talvez não terão salários bons. E o movimento deve partir dos jovens e das mulheres. São os dois elementos sujeitos fundamentais de mudança, neste momento.” Para Diego, é essa pauta que deve unir os movimentos progressistas. “Se não conseguirmos que os jovens se mobilizem nessa linha progressista, será muito difícil”, sentenciou o Vice-Presidente Executivo da Fundación Alternativas.

A reflexão seguiu com a análise do que ocorreu no mundo, depois da crise financeira de 2008, que abateu fortemente a Europa. “A reação da União Europeia e do mundo, incluindo os Estados Unidos, foi de austeridade, de ajustes, entretanto, tudo contrário à política que aconteceu posteriormente”, momento em que houve o nascimento e o crescimento de partidos de extrema-direita e populistas em praticamente todos os Estados da União Europeia.

A terceira rodada do debate foi apresentada pelo moderador Ricardo Coutinho, em sintonia com os temas anteriores. “Quero sugerir que falemos sobre o lawfare”, iniciou. Para justificar a pertinência do tema, o presidente da FJM relacionou casos comuns na América Latina, referindo-se a Honduras, com Manuel Zelaya; à Argentina, com Cristina Kirchner; Bolívia, com o Evo Morales, que sequer consegue voltar para seu país; Equador, com Rafael Correa, que se voltar, será preso, no Peru. No caso do Brasil, Coutinho, lembrou a gestão interrompida da Presidente Dilma e a prisão do próprio Presidente Lula, que foi determinante para garantir a vitória de Bolsonaro.

Marta Nin, Diretora da Casa América Catalunya, em Barcelona, acentuou o momento de polarização e a difícil sincronização de ideias e propostas, dois fatores que, segundo ela, estão colaborando com a ascensão ao poder dos representantes do populismo e dos extremistas.

Considerando o trabalho que realiza na Fundação, divulgando a cultura da América Latina, Marta afirma ser essa uma ferramenta de transformação social. “O que nós podemos fazer é cultivar uma cidadania crítica que ajude a colocar as coisas democraticamente.”


Ao pensar o Brasil, ela, que já viveu no país por dois anos, mostrou-se assustada com o comportamento daqueles que aprovavam a destituição da Presidente Dilma Rousseff. Em relação ao resultado das eleições de 2018, a reflexão segue o mesmo trajeto. “Você não pode dar o poder de um país para alguém que justifica a tortura de Estado. Eu acho que existe uma fronteira que os cidadãos na democracia deveriam ter muito clara que é a fronteira da vulnerabilidade dos direitos humanos.”

A espanhola referenciou que a conquista dos direitos humanos deveria ser irrenunciável. Para ela, somente um trabalho de educação democrática é capaz de manter erguida essa vitória da humanidade.

Avaliou o papel dos jovens e das mulheres como atores sociais de importância, nesse momento, e sentenciou que não pode haver uma separação tão ampla entre a realidade social e a percepção de quem faz política, referindo-se ao episódio do Chile, sobre a fala do ministro identificando os protestantes de alienígenas.

O Diretor do Observatório América Latina da Fundación Jean-Jaurès, Jean Jacques Kourliandsky, concordou que, na Europa, como na América Latina, está havendo uma degradação da democracia.

Como resposta, apoiou a fala anterior da jornalista Marta Nin quanto à construção de uma cidadania crítica, identificando-a como a massa fundamental da vida democrática. Ainda em busca de alternativas, o francês considerou a necessidade de entender como os trabalhadores saíram da



esquerda para militar na extrema-direita. “Essas pessoas constituem uma massa importante da população que temos que recuperar, não podemos isolá-las das lutas feministas e da juventude”, completou Jean.

Para contribuir com as reflexões iniciadas pelo professor espanhol, o Cientista Social se propôs a olhar para a França e localizar sua juventude. “No meu país, por exemplo, tem uma parte da juventude, nas regiões afetadas pela desindustrialização, uma região tipicamente de esquerda que vota na ultradireita.” Para ele, é preciso entender melhor o que acontece, para propor ações que permitam a retomada de consciência.

Como possibilidade, Jean indicou o fortalecimento da Internacional Socialista que, recentemente, exerceu papel importante no desarme na Colômbia. “Foi um trabalho coletivo da Internacional Socialista com partidos latino-americanos e europeus”, esclareceu.

Seguindo essa linha, Jean mostrou acreditar na união da América Latina, Europa e África, numa triangulação, mas entende que a horizontalidade poderia acelerar algumas lutas. “A reconstrução de um mundo autenticamente multilateral é muito importante. A América Latina deveria falar com a África diretamente, sem passar pela Europa. Não estou contra as triangulações, são importantes, mas também a horizontalidade pode ser eficiente.”

“A aliança primeira e mais natural é a aliança entre as forças progressistas europeias e americanas. É o mundo ibero-americano, o mundo euro-americano”, sentenciou o professor da Universidade Castilha La-Mancha, Diego López Garrido. Para justificar sua assertiva, o espanhol disse tratar-se do mundo que compartilha culturalmente ideias filosóficas e políticas.

Ainda em busca de respostas às indagações anteriormente apresentadas, Diego foi assertivo ao afirmar que muitos dos males vividos e dos

desafios aparentemente intransponíveis estão apoiados na pobreza existente. “Há enormes bolsas de pobreza no mundo, produzidas pela crise financeira anterior e, neste momento, acentuadas pela crise da covid-19.”


“A pobreza tira a perspectiva de futuro e elimina a confiança de que a vida pode mudar. Isso, a meu ver, é o que explica essas gangues juvenis; as maras, na América Central; e outras gangues juvenis, que, ao não encontrarem uma saída pacífica, por assim dizer, economicamente, empregos, trabalho, desenvolvimento educativo intelectual; ao não encontrarem isso, sua forma de vida se converte em uma vida violenta de crime organizado.”

Depois de relacionar a pobreza com a violência, o professor Diego concluiu que a falta de perspectiva contribui para a criação de gangues organizadas, violentas e criminosas e, ao deixar a população vulnerável, faz com que as pessoas votem em partidos que prometam a seguridade. “Os organismos internacionais, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, deveriam atuar para ofertar uma renda mínima. Isso é vital para a população e faria desaparecer de forma natural a ação violenta produzida pela pobreza.”

O professor testemunhou conversas com uma brasileira, engenheira de comunicação, que deixou São Paulo para ser garçom em Madri, com medo da violência no País. Depois, outras pessoas, nascidas na Guatemala e em Honduras, vivendo em Washington, que responderam ter deixado seus países de origem com receio de suas filhas serem estupradas pelas gangues de rua.

Para o professor, a segurança, que às vezes é desprezada historicamente pela esquerda, é uma questão importantíssima.

O presidente da FJM, Ricardo Coutinho, aproveitou a abordagem do tema segurança para



contribuir com o debate, em especial, pela experiência adquirida como governador do estado da Paraíba por dois mandatos e ter implementado significativo programa de segurança, várias vezes premiado, nominado Paraíba Unida pela Paz. Depois de concordar com o professor Diego, o ex-governador acrescentou sua visão sobre a pobreza que, segundo ele, apresenta duas origens. “A pobreza tem origens diferentes. Existe uma pobreza em uma parte do mundo que, de certa forma, é de origem colonial. A origem é uma exploração que hoje é muito exercida pelos Estados Unidos. E outra pobreza, que está dentro dos países centrais, de concentração de riqueza mesmo, de concentração de conhecimento, de depauperação da própria educação, da diferenciação da educação. Essa questão da pobreza é mundial e cada vez mais urgente.”

De volta ao tema dos direitos humanos, introduzido pela jornalista Marta Nin, Ricardo Coutinho fez nova abordagem, querendo saber, da espanhola, quais são os elementos que precisam ser reforçados nos sistemas de governança de cada país, para que haja avanço na pauta dos direitos humanos e, dentro dos direitos humanos, a temática de gênero, na questão das mulheres.

“A luta contra a corrupção é muito importante”, respondeu prontamente a jornalista, que vem trabalhando há anos com questões culturais. Depois, abordou sua área, deixando claro que a cultura permite o entendimento dos diferentes comportamentos.

Sobre a violência, tentando fazer conexão com os direitos humanos, Marta Nin acrescentou ao debate a questão das drogas: “A violência alimenta as drogas, as drogas alimentam a violência, algo que não tem fim”.

Para eliminar esse círculo, existem as políticas punitivas implementadas, que propõem o controle

social na periferia. “No caso do Brasil, é onde moram os pobres, nas favelas, onde a pobreza se abre para o tráfico de drogas, para procurar uma forma de vida. É aí que começam a ocorrer as violações dos direitos”, concluiu a espanhola, que morou no Brasil. Para ela, são desafios difíceis, mas que precisam se enfrentados, porque assustam.

Motivado a agilizar o debate, o moderador passou a fazer perguntas específicas aos debatedores. Para Jean Jacques Kourliandsky, quis saber sobre a presença das igrejas e religiões na política. A fim de esclarecer os participantes internacionais, fez algumas ponderações. “O Brasil é um país que conquistou a redemocratização muito em cima das visões coletivas. O associativismo do movimento sindical, que rompeu barreiras, coisa que hoje está num declínio muito grande, em função, principalmente, das mudanças do mundo do trabalho; o movimento estudantil, apesar de já estar em baixa naquela época, pela repressão; e as comunidades de base da igreja católica. Eram esses os pilares muito fortes, do fim da ditadura e da reconquista democrática. No caso do neopetencialismo, mais recente, trata-se de um segmento que dialoga muito mais com o progresso individual, enfim, com essas questões que são bastante diferentes.”

Então, perguntou como o francês analisa essa realidade e qual é o impacto desse crescimento para a própria democracia. Jean Jacques Kourliandsky descreveu dois elementos, que ele considerou importantes para balizar sua resposta. Primeiro, falou das desigualdades, não só a pobreza, mas o aprofundamento das desigualdades, em especial, com o aumento do desemprego, e, o segundo, a herança colonial, com ênfase para a formação da população brasileira.

Para enfatizar seu ponto de vista sobre o segundo tema, o Cientista Político contou uma

conversa que teve, há décadas, com um amigo brasileiro. Disse lembrar o diálogo, apesar de não ter mais do que 15 anos à época, porque ele foi emblemático e explica bem a questão do colonialismo. “Meu amigo brasileiro, negro, me disse: ‘Você não acha estranho que eu saiba a data de quando cortaram a cabeça da Maria Antonieta durante a revolução francesa e não saiba nada do meu passado africano?’”

Então, voltou a analisar que é fundamental para o Brasil, que tem mais de 50% da população formada por descendentes negros, mas também é para a Colômbia, ainda que, com menor medida, com 20% a 30% da população de origem africana; ou mesmo no Equador; na região de Esmeralda, no Peru; na Costa Rica; na Venezuela; no Uruguai, onde 5% a 7% da população é de origem africana, que adotem políticas e ações afirmativas para ajudar a compreender a história dessa população.

Aproximando-se do final do encontro virtual, Ricardo Coutinho incumbiu o professor Diego López Garrido a refletir sobre o futuro da política e analisar as perspectivas.

O espanhol iniciou sua narrativa afirmando que os Estados Unidos estão atravessando um problema sério de fragilidade geológica como líder do mundo livre, essencialmente porque têm renunciado à aliança com o mundo ocidental. “A América First de Trump foi realmente uma armadilha para os próprios americanos, porque, no momento em que mais precisavam, estavam em conflito comercial com a China, que, por sua vez, tem buscado ocupar espaços anteriormente demarcados pelos Estados Unidos. A China tem uma política de investimento na América Latina e na África muito potente, que é muito bem recebida por países que precisam”, historicizou o debatedor.

Ainda sobre o líder da América, o professor mostrou-se convencido de que a vitória de Joe



Biden está certa e, se assim ocorrer, será possível ocorrerem algumas reversões de políticas danosas promovidas por Trump.

Sobre o Reino Unido, na Europa, Diego avaliou que a Brexit se deu no pior momento. “Eles saíram do grupo quando mais precisavam da União Europeia. Acho que nesse momento estão pagando em termos políticos e econômicos.”

Na avaliação do professor, esses movimentos abrem espaço importante para outros conglomerados, tanto na Europa quanto na América Latina, que tem um problema geopolítico de integração. “Existe um paradoxo, na América Latina, que merece atenção. Menos racista do que a Europa, ou os Estados Unidos, os países latinos integram mais as pessoas latino-americanas. Dois milhões de imigrantes têm saído da Venezuela e estão sendo acolhidos na Colômbia. Há uma capacidade de integração importante, mas os mesmos que recebem outros, são arrogantes com os seus próprios habitantes. Os genocídios dos aborígenes índios que moravam ali, é um exemplo.”

Para o professor é uma inescapável oportunidade, a aliança latino-americana. “O importante dessa aliança são os direitos humanos. É um momento de coesão formidável.”

O segundo ponto abordado pelo professor, quanto à soberania dos direitos humanos, passa pelo modelo de gestão política dos países latinos. Para ele, a justiça latino-americana é muito dependente do poder Executivo e há países onde o Executivo escolhe os juízes. “A defesa aos direitos humanos é impossível, sem juízes independentes”, concluiu.

A questão da liberdade de imprensa também mereceu destaque, por parte do professor espanhol. “Sem liberdade de expressão, não há direitos humanos. Na América Latina há um problema. São pontos que deveriam ser trabalhados pelas fundações progressistas, a exemplo dessas reunidas nesta noite.”



Las experiencias contemporáneas de frentes progresistas: Las lecciones uruguayas y portuguesas

Ricardo Ehrlich

Ex-ministro de Educación y Cultura,
Ex Alcalde de Montevideo
Frente Amplio de Uruguay
Doctor en Ciencias Físicas por la
Universidad Louis Pasteur

Hugo Pires

Diputado de la Asamblea
de la República Portuguesa
Secretario Nacional del Partido
Socialista Portugués para Organización

Wagner Iglecias

Doctor en Sociología, Profesor de la
Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades
de la Universidad de São Paulo
Miembro del Programa de Posgrado
Interunidades e Integración de
América Latina/USP

Ricardo Coutinho

Moderador



Después de sucesivos debates nacionales, la Fundação João Mangabeira (FJM) expandió sus redes para una cobertura internacional. La 15ª edición de Piense Brasil, al resaltar las experiencias contemporáneas de frentes progresistas, mostrando la realidad con las lecciones traídas de Uruguay y de Portugal. Con las participaciones de los conferenciantes Ricardo Ehrlich, del Frente Amplio de Uruguay; el Diputado Hugo Pires, Secretario Nacional del Partido Socialista Portugués para Organización; y Wagner Iglecias, Profesor del Programa de Posgrado Interunidades e Integración de América Latina, de la Universidad de São Paulo (USP), el moderador Ricardo Coutinho, Presidente de la FJM, hizo reflexiones comparativas y evaluaciones concretas sobre la trayectoria de estos frentes.

“El Brasil tiene una dificultad en ajustar las cuentas con su propia historia”, afirmó Coutinho en la introducción. “El país salió de una dictadura de 21 años, en 1985, pero nunca se dirigió a la dictadura del punto de vista institucional.” Para posibilitar la sintonía entre participantes y espectadores virtuales, el moderador narró el trayecto político del Brasil con énfasis en las dos últimas décadas. Primero, se refirió a las manifestaciones populares de 2013, identificando la experiencia como un laboratorio para la difusión de las redes sociales mientras medio de manipulación. Después, narró la destitución del Gobierno de la Presidente Dilma, en 2016, sin que haya habido un crimen de responsabilidad comprobado. “Hubo sí, una gran unión entre una parte del Judiciario, a través de la Lava Jato, con la clase empresarial, comandada por la [Federação das Indústrias do Estado de São Paulo] Fiesp, y un acuerdo con la prensa, que hizo con que prácticamente 99% de la media brasileña se involucrara en ese proceso de destitución. Tras eso, hubo todavía el impedimento del Ex Presidente Lula en competir a las elecciones.”

Luego, el moderador abrió a los participantes, un cuestionamiento individual para que cada uno pudiera, también, sintetizar sus trayectorias recientes hasta el año de 2020.

Ricardo Ehrlich comenzó afirmando en ser un momento importante, en Uruguay, y aclaró que

existe un desfase temporal, entre algunos países, permitiendo, a veces, un aprendizaje con experiencias anteriores, pero no desechó que, mismo viendo otras realidades, los errores sean similares. “Mi país pasa por eso.”

Sobre el Frente Amplio, que va a cumplir 50 años en 2021, creada al final de un proceso autoritario, en los años 1970, el político uruguayo contó que el movimiento siguió lo que estaba pasando en América Latina y en el continente. “El Frente Amplio surgió como alternativa, una respuesta a los años que los llamamos de Años de Plomo.”

Con la actuación de los movimientos de lucha armada, la represión, por parte del Estado, con el uso de la fuerza, del autoritarismo y una recesión económica sin precedentes, la creación del Frente Amplio propuso que sectores políticos, hasta entonces muy distantes, se juntaran. Entre ellos, el Partido comunista, el Partido Socialista, los sectores progresistas, incluyendo los cristianos, católicos, no católicos, partidos identificados como tradicionales y hasta mismo la parte de derecha con posicionamiento de centro más al margen. Esa confluencia permitió que llegaran a un progresismo fuertemente democrático, republicano. “Esa confluencia se produce y se mantiene hasta hoy”, agregó el político.

Para explicar como el Frente Amplio consigue mantenerse unido, Ehrlich contó que su formación fue antecedida por un movimiento popular sindical muy fuerte, que fomentó el debate sobre la necesidad del encuentro, de la búsqueda por una herramienta unitaria. “La idea era que todos nosotros teníamos la fortaleza. Fue así con diferentes sectores.”

Primero fue creada una Central Única de Trabajadores, que tiene una amplia instancia popular, que se llama Congreso del Pueblo. Una referencia, hasta los días actuales, en Uruguay.

Algunas evaluaciones, Ricardo Ehrlich sólo consigue concluir ahora, al hacer que el ejercicio de mirar hacia atrás y observar los movimientos, algunos naturales, otros políticamente contruïdos. En los últimos años, fue plausible percibir que algunas raíces que llevaron a la integración de los

partidos y movimientos, en Uruguay, reflexionaban sobre la influencia que la nación sufrió con la guerra de España. “Todos los exilados que llegaron al Uruguay, la presencia de ellos en los aspectos culturales, hasta en la cuestión de trabajo y política, necesita ser considerada.”

La experiencia de la república española y de la guerra de España, de alguna forma, marcó, según Ehrlich, los dirigentes más antiguos del Uruguay. “El comunismo, la izquierda, el socialismo y además los republicanos que siguen una tradición de izquierda presentan esa relación histórica.” Para el representante del Frente Amplio, este factor es significativo, en un momento de análisis de la experiencia ocurrida en Uruguay.

Otro elemento importante, para Ehrlich, es que, en el momento de la fundación del Frente Amplio, hubo, además de la integración de las organizaciones políticas, un fuerte movimiento social que se llama “Independiente”, que no estaba encajado en ningún otro grupo político. Fue un componente paralelo a la alianza, generando fuerza política y representatividad.

Dos componentes necesitan ser considerados, para mejorar el entendimiento del periodo en Uruguay: La alianza de partidos y organizaciones políticas y el movimiento social. “El Frente mantiene, hasta hoy, esa dualidad de alianza y movimiento, lo que lleva a una arquitectura muy compleja, institucional, para tomar decisiones en instancias de congresos, para afirmar la confluencia de todas las opiniones.” A pesar de la dificultad de gestión, Ehrlich entiende ser estructurante, esa diversidad interna organizada en dos pilares. “La unión de estas dos fuerzas, que mantiene matices y diferencias, consigue sintetizar, a veces con mucho trabajo, a veces de forma más rápida los resultados. No sin articulaciones, hasta la creación de un camino conjunto.”

El político presentó un tercer componente, que explica el fortalecimiento del Frente Amplio de Uruguay, que es el programa. Creado en 1971, el documento pasó por la dictadura, los primeros periodos de recuperación de la democracia y siempre era actualizado. Elaborado colectivamente,

aprobado en congresos, este programa hizo posible el compromiso con la población y el proceso de acumulación.

Ehrlich narró las victorias, el crecimiento y la forma como el Frente fue ocupando los espacios, pero reflexionó sobre la derrota también. Al hacer eso, resaltó: “La derrota electoral necesita ser asumida y es difícil, pero no fue derrotado el proyecto político, el proyecto continúa.”

El diputado Hugo Pires inició su discurso definiendo el Partido Socialista (PS) de Portugal motivado a hacer con que todos percibieran cuales son y lo que objetiva los ideales del partido.

Con 47 años de historia, la trayectoria del PS se confunde con la lucha por la libertad de expresión, con el servicio nacional de Coimbra; por la educación pública; por la protección social pública, el combate a todo tipo de desigualdades que, según el diputado, forman la identidad del partido. “Esa es la marca mientras partido progresista y transformador de la sociedad portuguesa.”

comprometidos con la realización y la felicidad de cada individuo, una de las directrices estructurantes del PS, relató el diputado, es la búsqueda por la igualdad de oportunidades a ser ofrecidas por el Estado, independientemente de la condición social, de género o de orientación sexual. “Sólo un Estado socialmente fuerte permite que se pueda tener una seguridad en el presente para que podamos desarrollar nuestra vida y conseguirla también, con confianza y estabilidad, proyectar nuestro futuro”, resaltó el político portugués.

En 2014, el Partido Socialista inició un nuevo camino, que lo llevó hasta la elección de António Costa, como líder del PS, y a la candidatura en 2015. Era un momento político y económico difícil en Portugal. El país estaba bajo la protección del Fondo Monetario Internacional (FMI), de instancias internacionales y había una crisis financiera, económica y social instalado en Portugal. “Nosotros adoptamos un discurso contra la corriente y afirmamos que teníamos una alternativa a la austeridad y a las políticas de austeridad que la derecha estaba imponiendo al país.”

Los partidos de derecha gobernaron Portugal hasta 2015. aplicaron, según el diputado, políticas de austeridad, haciendo con que miles de personas dejaran el país a buscar una vida mejor. El socialista contó que muchas empresas fueron cerradas y que las familias portuguesas atravesaron por dificultades significativas. Las desigualdades aumentaron de forma exponencial y muchas personas se quedaron sin casa. Los jóvenes tuvieron dificultad en continuar los estudios porque los padres no conseguían mantenerlos. La búsqueda por trabajo era, a veces, la única posibilidad para ayudar en la economía familiar. “Esos fueron años terribles para Portugal y para los portugueses”.

La coalición de derecha inició un proceso de desmantelamiento del Estado, vendiendo las empresas públicas más rentables. “Escondió bajo la alfombra muchos planos de la Renca (empresa pública portuguesa), no invirtió en los servicios públicos, en la educación, en la salud, porque quería que la salud fuera prestada más que todo por los privados y quiso avanzar con el proceso que terminaría en la privatización de la protección social. El gobierno redució de forma drástica los salarios de los funcionarios públicos y en los mínimos sociales.”

El plano de derecha, hasta 2015, era entregar el Estado a los privados, contó el diputado. Ellos apostaban en una economía de salarios bajos con el aumento de impuestos.

La unión de la alianza denominada Geringonça y los partidos de izquierda pasó en ese momento. “La palabra ‘austeridad’ necesitaba ceder espacio para la palabra ‘dignidad’. Y la derecha decía que no había otra solución que no esa receta que ellos presentaban.”

En 2015, se llevaron a cabo las elecciones en Portugal y el Partido Socialista no ganó. La explicación del diputado para la derrota fue el discurso de miedo repetidamente usado por la derecha. “Ellos abrieron fracturas en la sociedad portuguesa, poniendo jóvenes contra personas mayores, funcionarios públicos contra sectores privados. Fue colocando unos contra los otros en que la derecha se mantuvo en el gobierno.”



Aunque no haya conquistado la presidencia, el Partido Socialista y los partidos de izquierda, en Portugal, fueron la mayoría en el Parlamento. Fue la primera vez, en 46 años de democracia, que el Partido Socialista se aproximó al gobierno del país. “Ni siquiera pasaba por nuestra cabeza que los partidos de nuestra izquierda pudieran estar en una situación de gobernabilidad del país. Nosotros conseguimos hacer eso. Montamos la Geringonça. Normalmente asociamos la palabra “geringonça” a una máquina muy frágil y que, a lo largo, fácilmente se descompone, pero nosotros conseguimos que esa geringonça funcionara, tuviera éxito y consiguiera sacar Portugal del problema en que estaba”, contó feliz el diputado, cambiando el tono de voz, ahora todavía más emocionado.

El proceso no fue del todo lineal; hubo resistencia interna del partido, que necesitó ser asentada a lo largo del trayecto. Al firmar acuerdos con los partidos, el grupo validó la participación de todos. La falta de entendimiento en algunos momentos hizo con que los políticos de izquierda siguieran al margen.

Los objetivos eran claros: recuperar los ingresos, aliviar la carga fiscal, disminuir las desigualdades, y esa fue la base del pacto que unió a todos en aquel momento al frente de la Asamblea.

El diputado se mostró recompensado, al narrar algunas victorias. “Nosotros tuvimos el déficit más bajo desde que vivimos en democracia. Reducimos la deuda; reducimos drásticamente el desempleo; y la economía creció encima del promedio de la Unión Europea”, resaltó el político portugués.

En términos de reconocimiento, un ejemplo compartido fue la representación de Portugal en la Unión Europea. “La izquierda portuguesa consiguió reducir las desigualdades y reducimos el foso entre ricos y pobres y conseguimos, al mismo tiempo, ajustar las cuentas y hacer el país crecer, crear riquezas, generar empleos y promover el bienestar para la sociedad portuguesa.”

El profesor Wagner Iglesias historizó la trayec-

toría del Frente Amplio del Uruguay complementando el discurso de Ricardo Ehrlich y buscando aproximaciones con la política brasileña. Abordó el golpe militar de 1973 y la retomada de la democracia, a partir de 1985. “Cuando el Frente Amplio fue creado, él se encontró con dos partidos muy tradicionales del Uruguay, el Partido Nacional y el Partido Colorado, que son de la primera mitad del siglo XIX; son dos partidos de la oligarquía uruguaya, uno más conservador, más rural, que es el Partido Nacional, y, el otro, de bases más urbanas y un poco más liberal, que es el Partido Colorado.” Iglesias recalzó que el surgimiento del Frente fue posible también dada a la fragilidad de esos dos partidos, en la década de 1970.

Sobre la Geringonça, en Portugal, el profesor brasileño identificó la iniciativa como un movimiento con reflejos en la política, pero centrado, por lo menos inicialmente, en las cuestiones económicas. “La Geringonça surgió como una inédita unión de sectores progresistas”, dijo, fortaleciendo la explicación del diputado.

Con relación al Brasil, en las palabras del profesor, la formación de un Frente Amplio ha sido muy discutido y el debate está estructurado en dos ejes: el político y el económico. “Los factores económicos son ampliamente conocidos. Nosotros estamos enfrentando una década de crecimiento prácticamente negativo, tal vez la peor década de la historia del Brasil, en muchos años, con desempleo creciente, crónico, recesión, empresas en la bancarota, el desaliento de millones de trabajadores llevados a la informalidad, al subempleo y, al mismo tiempo, un desgaste del sistema político, de los partidos políticos tradicionales, un desgaste de las instituciones.”

Ricardo Coutinho redireccionó el debate preguntando para que los invitados del Piense Brasil hablaran sobre la eterna tensión entre estado de derecho, democracia y autoritarismo. Mismo siendo tres historias diferentes, en Uruguay, en Portugal y en Brasil, existen puntos de intersección entre ellas. Para Coutinho, a veces, el autorita-

rismo no es propiamente una dictadura militar. “El autoritarismo, hoy, vive mucho en função del crecimiento de los grupos de extrema derecha.”

Ricardo Ehrlich reconoce que hay una corriente restauradora como alternativa para frenar el movimiento conducido por la extrema derecha. Él identificó algunas maniobras malintencionadas, de ese grupo capitalista; entre ellas, el discurso que provoca la irritabilidad y, otra, muy dañina, que es la destrucción de la memoria. “Eso, de alguna forma, retrata una distorción del relato o una construcción de una imagen falsa de laboratorio, en que realmente los movimientos de izquierda, los movimientos progresistas, todavía no han conseguido responder.”

Para el político uruguayo, además de una alianza entre partidos y movimientos de izquierda, es necesario preparar una coalición para gobernar que tenga como base la solidaridad, la igualdad y el derecho a la libertad. Él afirmó que el crecimiento con distribución de riquezas es posible y que hay buenos ejemplos de propuestas exitosas. Es necesario propagar esos conceptos.

“Portugal no es una isla”, empezó el diputado Hugo Pires. Luego describió la situación de la extrema derecha en Europa, en Brasil y en los Estados Unidos. Para pasar el significado de posibilidad de reversión política, se acordó que, por 41 años, prevaleció la dictadura y la derecha, en su país. Según el diputado, los partidos tradicionales de derecha están con problemas para firmarse con un programa alternativo y fuerte para cubrir ese campo político.

El Partido Popular de España es un ejemplo. Sin conseguir asentar sus problemas internos, sufrió un vaciamiento, con la creación del Vox, en 2013. El Brasil tiene muchos otros casos semejantes. Siglas que se multiplican, intentando reinventarse. “Y hay, en Portugal, el Partido Social Democrata, que creó el Partido Chega, una opción de extrema derecha. Se trata, sobretudo, de un aprovechamiento de un vacío público que se creó en derecha”, contó Hugo Pires.

Una frase del diputado dimensionó el problema de los partidos. “No existen respuestas sencillas para problemas complejos.” Según él, la extrema derecha, representada por Bolsonaro o Trump, simplificó mucho el mensaje, descalificando el debate.

En Portugal, el partido de extrema derecha ataca a la izquierda, pero nunca ataca al Partido Comunista, analizó Hugo. Y así lo hace por un motivo simple, continuó. “Ellos tienen los trabajadores como uno de sus objetivos electorales.”

Los partidos tradicionales se desgastaron, incapaces de reinventarse y muchas veces marcados por la corrupción. Ellos prometieron políticas y medidas que no consiguieron cumplir. Esa trayectoria irregular de los partidos tradicionales han despertado, en los electores, el deseo de experimentar nuevas políticas, nuevos partidos. “El elector, en algunos lugares, está huyendo para los límites”, concluyó el diputado.

Sobre el Brasil, evaluó que hay una ilusión muy solidificada, de las élites económicas, financieras, sociales e intelectuales. “Esa ilusión, asociada a casos de corrupción, destruye democracias y crea un ambiente perfecto para el cambio de los estados establecidos.”

Después de narrar un hecho reciente en su país, relacionado a la pandemia, sobre el comportamiento de la derecha, que salió a la calle, y la prensa anunció: “Se habitúen, que la derecha y la extrema derecha, a partir de ahora, también van a salir a la calle”, el diputado concluyó que la normalización de esos partidos es peligrosa porque ellos harán la democracia corroer por dentro. “Es un combate difícil, pero es un combate que ningún país lo hace sólo y creo que tiene que haber, por parte de los partidos progresistas, de izquierda, compromiso y unión. La Internacional Socialista tiene un papel fundamental, para juntar a todos, para que podamos elaborar estrategias para combatir esos fenómenos peligrosísimos.”

El profesor Wagner Iglecias no tiene cualquier duda de que el crecimiento de la extrema derecha,

en este momento, es un fenómeno global. Se acordó del Brasil; de los Estados Unidos; de Hungría, con Orbán; de las Filipinas, con Duterte; de Polonia; Turquía. Los parlamentos también están siendo ocupados por representantes de derecha. Para explicar, mencionó el hecho de la democracia liberal estar bajo fuerte cuestionamiento, por parte del ciudadano común.

En el análisis de Iglecias, muchos electores no relacionan el voto con políticas sociales. Parecen no hacer una conexión entre la política y el partido. “Esa es probablemente una idea que ha motivado muchos electores en diversas sociedades en varios países en el mundo a votar en los llamados outsiders, en aquellos candidatos que se presentan diferente de todo lo que está ahí, diferentes de los partidos tradicionales.”

Otro perfil de elector es aquel que tiene la idea generalizada de que la política fue cooptada por las oligarquías de partido, por las élites de los partidos y, por eso, se esquivo de cualquier participación. Trump, cuando fue elegido, hizo un discurso haciendo referencia a aquel que solamente ha perdido, en las últimas décadas. Ese es otro grupo, según el profesor, que, a disminuir su salario, poder adquisitivo, empleo, status, se compara con aquel que concentró ingresos y poder y se distancia de la política sin ver en ella el mecanismo de cambio.

Las transformaciones tecnológicas, genericamente del mundo laboral, que acabaron con la clase trabajadora, también se empeñaron en cambios sociales en países de todo el mundo. “Los millones de trabajadores asociados a sindicatos, participando activamente en campañas por mejores salarios, mejores condiciones de trabajo, no ejercen más las mismas funciones.”

Esa nueva rutina del trabajador tiene impacto también en los partidos del lado progresista, que se debilitan por la ausencia de aquellos que, en el pasado, salían a las calles, cerraban las fábricas y formaban líderes.

Aún sobre la tecnología, Wagner Iglecias sostuvo que la derecha se calificó antes, y más de

los que de la izquierda, en utilizar instrumentos de comunicación rápida y eficiente para conectarse con el elector, haciéndose víctima más fácil de las fake news. “Hay toda una nueva generación, gente muy joven, que se comunica en la vida social mediante la interacción tecnológica, de lo virtual. Las izquierdas necesitan saber hablar con esas nuevas generaciones, con la juventud, con los adolescentes, que están entrando en la vida como ciudadanos, en la vida política”, enfatizó el profesor de la USP.

Ricardo Coutinho participó en la conversación para evaluar que la comunicación tecnológica puede ser un instrumento de manipulación y la base para esto son las emociones, principalmente las peores emociones. Se refirió a Brexit, en el Reino Unido; a la elección de Trump; momentos políticos en que el uso de los medios sociales interfirió en los resultados. El presidente de la FJM resaltó aún que, generalmente, las campañas han exaltado el odio, el disenso.

“La irracionalidad es muy fuerte”, dijo Coutinho. Capaz de desestabilizar los procesos democráticos existentes en varias partes del país.

Al retomar el discurso con los debatedores, él preguntó si ese frente socialista deseaba, debería tener algún formato temporario, simplemente para reestablecer las bases de la izquierda, o si el mejor modelo predice un proyecto de gobierno y gobernabilidad.

Ricardo Ehrlich comenzó diciendo que los sectores conservadores que buscaban y todavía buscan volver al gobierno a partir de la propagación del discurso del miedo, por los medios sociales, están cada vez más fuertes. “En Uruguay, ese fenómeno está presente.” Para él, el centro de la cuestión está en construir una propuesta progresista con las personas. Fortalecer el colectivo y permitir que las personas participen, haciendo con que ellas vuelvan a vislumbrar la posibilidad de vivir mejor, como resultado de buenas políticas.

El diputado portugués Hugo Pires apuesta en un frente programático. “El límite de Portugal es un frente programático progresista de centro izquierda y que se revise en un programa y en un ideal en algunos puntos de convergencia.”

Pensando en Brasil, el conferenciante fue directo, al afirmar que el frente debería ser amplio, exactamente porque el desafío es enorme. Apesar de presentarse como un socialista democrático, el portugués colocó la libertad como un punto de defensa aún superior. Y que, en nombre de ese deseo de libertad, la pluralidad debe ser la voz de comando, en el momento de la creación del frente representativo de la izquierda brasileña.

Para Wagner Iglecias, la democracia debe ser el hilo conductor, en el momento de la creación de un Frente Amplio, en Brasil. “Es necesario la garantía de las libertades civiles, políticas, de los derechos relativos a la democracia. Es para que toda y cualquier persona pueda ser militante, pueda expresarse, participar de la vida pública sin ningún tipo de vergüenza.”

No obstante, agragó Iglecias, “ese frente puede ser ampliado al punto de vista de sus colocaciones”. Para él, el cumplimiento de la garantía de los derechos sociales previstos en la Constituição de 1988 debe ser el punto más importante.

Después de tantas reflexiones sobre el presente, con base en análisis de los varios comportamientos sociales pasados, el moderador desafió a los conferenciantes a analizar el futuro.

El representante del Frente Amplio de Uruguay, Ricardo Ehrlich, reiteró que la respuesta no podía desconsiderar la pandemia provocada por el coronavirus. Él evaluó que una de las preocupaciones más grandes, antes de este giro epidémico, era el contexto internacional agendado en los campos político y económico. El continente americano y sus países, según Ehrlich, venían de un desgaste político que exigía la restauración. Pero, que en la actualidad, la cuestión económica del pueblo de cada nación ganó relevancia, con relación a cualquier otra debilidad.

Las incertidumbres provocadas por la pandemia también fueron analizadas por el diputado Hugo Pires. Para él, el diseño de un buen gobierno tiene dos aspectos fundamentales. El primero, prometer solamente aquello que es posible cumplir

y, el segundo, combatir sin tregua la corrupción. Ambicioso con relación al destino de su partido y al rumbo de la política de Portugal, país que se sobresa le cada vez más delante de las potencias europeas, el diputado concluyó emblemáticamente afirmando que “una comunidad o una sociedad que deja a alguien para atrás no es una sociedad decente y es eso el que el PS ambiciona”.

Entre los retos más emergentes, mientras humanidad, Hugo Pires relacionó el combate a las desigualdades; la mejoría al acceso a los servicios públicos; y el compromiso con los calendarios mundiales de control al calentamiento del clima. “Portugal fue el primer país, a nivel mundial, a asumir el compromiso de alcanzar la neutralidad carbónica hasta 2030”, relató orgulloso el diputado del PS portugués.

El brasileño Wagner Iglecias analizó el futuro con base en la pauta inicial del debate y volvió para la cuestión del frente. En ese sentido, afirmó que, en el caso del Brasil, el desafío del futuro está en resolver, en la actualidad, la cuestión de la formación de un Frente Amplio, en vista a la existencia de muchos obstáculos, cuestionamientos, desacuerdos. Y, en sequência, la articulación colectiva de una pauta común a ser organizada en un programa que efectivamente consiga promover la defensa de los valores de la democracia.



El papel de las fundaciones y think tanks internacionales en la defensa de los derechos humanos y de la ciudadanía crítica en Latinoamérica y en el mundo

Marta Nin

Periodista, Directora de la Casa
América Catalunya en Barcelona/España

Diego López Garrido

Vice Presidente Ejecutivo de la Fundación
Alternativas en Madrid/España
Profesor de la Universidad Castilla La-Mancha

Jean Jacques Kourliandsky

Especialista Político
Director del Observatorio América Latina da
Fondation Jean-Jaurès, de Paris/França
Investigador del Instituto de Relaciones
Internacionales y Estrategia

Ricardo Coutinho

Moderador

La 20a edición de Piense Brasil concluyó un ciclo de debates realizado por la Fundação João Mangabeira (FJM), entidad vinculada al Partido Socialista Brasileiro (PSB), que permitió, a partir de lecturas sectorizadas de problemas, una visión amplia de mundo. “Fueron análisis de conyuntura actualizadas y necesarias”, dijo el presidente de la FJM y moderador de los encuentros virtuales, Ricardo Coutinho.

Al hacer la introducción del tema de esa 20a edición, él abordó las crisis que asolan el planeta. “Son crisis políticas, sociales y económicas, en todo el mundo. Crisis anteriores al Covid19, no obstante, acentuadas por la pandemia. pero, antes que todo, crisis oriundas de una falencia del sistema de predominio neoliberal.”

Los tres conferenciantes fueron, inicialmente, motivados a evaluar cómo un mundo con tantas riquezas fue capaz de llegar a este estado de carencias.

“La pregunta es bastante filosófica”, inició la periodista española, Marta Nin, Directora de la Casa América Catalunya, en Barcelona. “Creo que antes de la declaración del estado de pandemia, las calles de muchas ciudades estaban ocupadas por ciudadanos que exigían procesos económicos de acuerdo con los derechos humanos, sociales y de naturaleza. Las calles están vacías, y las exigencias siguen”, examinó la conferenciante.

Marta se referió a algunos comentarios de especialistas sobre esa realidad reciente ser una prueba de lo que deberá venir a ser la rutina en el planeta, en especial, como consecuencia de las cuestiones climáticas. “El desafío para la humanidad es muy grande”, certificó la periodista, aparentando insatisfacción.

En su narrativa, Marta Nin describió el proceso transitorio, en que la humanidad transformó una riqueza específica, natural, en otro tipo de riqueza y agregó que el método de transformación se basó en la explotación. “La lógica de la explotación y maltrato de naturaleza es una lógica absurda de sobrevivencia.”

La pandemia, según la directora de la Casa América Catalunya, coloca para la humanidad desafíos todavía mayores. Al abordar el relatorio de Oxford, divulgado en agosto de 2020, con la información de que 52 millones de personas en Latinoamérica pasarían para la línea de la miseria, concluyó ser un retroceso de diez años, que coloca debajo todos los avances promovidos para la superación de la pobreza.

Lo que más pareció en indignar la conferenciante es el hecho de haber habido anuncios de que todo eso pasaría. De que un pequeño virus encerraría la humanidad dentro de sus casas y los procesos económicos pararían. “En comunicación, se dice que para comunicarse no sólo basta halar, es necesario garantizar que la otra persona escuche. Y creo que toda información estaba allí. Discursos científicos, políticos y hasta novelas avisaban que nosotros no podíamos continuar con los mismos hábitos de consumo y con el mismo sistema de vida, si quisiéramos seguir todos viviendo aquí en el Planeta Tierra.”

La española de Barcelona afirmó que las informaciones estaban disponibles, lo que faltó fue confianza en los datos. En este sentido, sobre el futuro, afirmó que el colapso está anunciado y que es tiempo de imaginarse cambios que realmente puedan garantizar un futuro diferente.

Entre esos cambios, Marta Nin destacó la devastación de los bosques y el aumento de los refugiados. “Los refugiados ya son refugiados climáticos de las zonas más pobres; ellos van a vivir de una forma mucho más dura con relación a los cambios climáticos. Parte de la sociedad podrá seguir como estamos ahora, focados en la Internet, trabajando en su casa, seguiremos con nuestras relaciones sociales, junto con los familiares, y los niños podrán continuar estudiando, pero muchas personas no tendrán esa posibilidad.” La periodista llamó ese proceso de humanismo digital.

A pesar de la narrativa dura sobre la realidad, Marta Nin se mostró en creer en la reversión. “Tenemos que entender que podemos y debemos

ser capaces de cambiar eso, porque los datos están ahí y sabemos lo que podemos hacer para que eso no se repita.”

El Especialista Político, Jean Jacques Kourliandsky, Director del Observatorio América Latina de la Fundación Jean-Jaurès habló en seguida. él abordó la cuestión de la crisis multidimensional, polifacética y afirmó que su preocupación es la capacidad, o no, de los sistemas políticos internacionales regular, de fabricar respuestas para todas las dimensiones de esa crisis.

Para aclarar, ejemplificó acordándose de que, durante la pandemia causada por el coronavirus, que afectó fuertemente Francia, ocurrieron elecciones a la alcaldía, con la victoria de más de 60% del padrón electoral, y participación de menos de 10%, 15% de los electores. Eso puede significar una democracia de abstención. “Los partidos políticos en Francia, por ejemplo, están siendo desafiados a encontrar canales que puedan permitir la recuperación del interés de los ciudadanos por la cuestión pública”, evaluó el francés.

Sobre el comportamiento de otros países de Europa, como Hungría y Polonia, por ejemplo, en los cuales existe un sistema de libertad pública con dependencia de la justicia, los medios de comunicación están siendo atacados por un gobierno que supuestamente tendría que dar el marco democrático europeo.

Con relación al Brasil, Jean consideró ser una situación todavía peor. “El Presidente es catastrófico y tiene el apoyo de 25% a 30% de los electores. Aquí son varias crisis, incluso la sanitaria.”

En esa línea, el especialista político abordó los Estados Unidos como un modelo semejante, en que la crisis sanitaria está llevando a la agravación de la crisis política.

Para Jean, lo más importante de este momento no es identificar los distintos aspectos de la crisis, pero tratar con el desafío de los partidos en organizar propuestas que respondan a las expectativas de la población. “Es necesario que ellos se concentren en problemas de cómo enfrentar la

crisis, y no perder de vista el desafío de permanecer en el poder.”


Venezuela y México también fueron recordados por el especialista. Para él, ambos países están profundizándose en la crisis democrática. En especial sobre México, citó el enfrentamiento contra la corrupción.

Al concluir su primera participación, el francés enfatizó, pensando a partir de las organizaciones, que lo más importante para ser analizado es el fracaso de los partidos políticos y de los medios de comunicación, en el caso de las fundaciones. “Conocemos las crisis económicas, sociales, ecológicas, y tenemos que conseguir crear respuestas con capacidad para que les interese a los ciudadanos. Si ellos no están interesados, no es posible de hacer nada. No es posible presentar soluciones”, concluyó Jean Jacques.

El profesor Diego López Garrido, Vice Presidente Ejecutivo de la Fundación Alternativas, con sede en Madrid, concordó con el tono filosófico de la pregunta, ya anteriormente mencionado por Marta Nin. él entiende que el conjunto de preguntas que necesitan ser respondidas otorgan al debate ese lugar propuesto por la filosofía. “Son profundas contradicciones sociales. La historia de la humanidad es en sí una trayectoria de contradicciones. Y un avance fundamental de la humanidad fue básicamente monopolizado por Europa, que fue la introducción del Estado de Derecho de la democracia, del Estado de Bienestar y de los derechos fundamentales.”

Según el profesor español, es necesario colocar con claridad que lo fundamental, para tenerse un país justo, y para conseguir mantener los derechos humanos, es garantizar un Estado poderoso e instituciones públicas sólidas. “Al evaluar la historia de la humanidad, la historia de los imperios antiguos, de naciones que cayeron en profundo hundimiento, es posible observar que la explicación de esas caídas estaba relacionada con el mal funcionamiento de la política.”

Para Diego, lo esencial es el funcionamiento de



la política por medio de instituciones que representan el interés general, en vez del interés particular.

Sobre Latinoamérica, el español evaluó la informalidad existente en el campo económico, lo que él llamó de “economía submersa”. Por otro lado, citó la falta de instituciones potentes para hacer con que las clases más dominantes, las grandes empresas, como las multinacionales norteamericanas, las empresas digitales que están en todo el mundo, se incluyan en un proyecto de Estado justo e igualitario.

Europa podría ayudar, según Diego, los demás continentes, con la creación de instituciones públicas más democráticas y más potentes, para amparar el anclaje en el sistema fiscal tributario que permita al Estado intervenir en la economía y así cambiar las estructuras injustas. A pesar de aceptar que existan paraísos fiscales en Europa, el profesor utilizó el dato de que, en Latinoamérica, el peso fiscal representa 17% del Producto Interno Bruto (PIB), mientras que en Europa son 40%, para manifestar la necesidad de fortalecer las instituciones públicas mientras promotoras del bienestar social. “El problema fiscal, el modelo de tributación, de los impuestos, es lo que se quedó pendiente en muchos países del mundo, hasta los más avanzados.”

todavía según el español, ese estado pandémico evidenció la fragilidad de las instituciones de gobernanza mundial, como el G 7 y G 20, citó él, que se quedaron ausentes, sin intervenir en un momento tan crítico del planeta.

La crisis del Covid19 sirvió, en la conclusión de Diego López Garrido, para elogiar la importancia del Estado. En esa fase de calamidad, hasta mismo los liberales aclamaron por la actuación del poder público constituido y organizado, mientras estado de poder. “Cuando llega el momento de dificultad, todos recurrimos al Estado, a lo público.”

El primer paso, dentro de la estructura económica, debería ser, en el análisis del Vice Presidente Ejecutivo de la Fundación Alternativas, hacer de las instituciones públicas, entidades potentes, capaces

de defender el interés general, que tengan una administración competente, una política que no sea corrupta y la legitimidad de gobiernos democráticos. “Esa es la aspiración que debemos tener para todos los países del mundo. El primer paso es tener un Estado fuerte”, finalizó positivo en su primera intervención.

Ricardo Coutinho aprovechó la intervención de Diego para enfatizar que hubo, dentro de ese proceso pandémico, un desnudamiento, que evidenció el despreparo de la mayoría de los países en la gestión de sus sistemas de salud. Para él, además de eso, se quedó todavía más profundo el foso social provocado por el neoliberalismo. “Hasta en los países dichos más desarrollados, con economía evidentemente más fuerte, está siendo posible observar el distanciamiento social.”

Estableciendo un choque entre los defensores del status quo y aquellos que anhelan una nueva oportunidad de promover el cambio en prol de la igualdad, Ricardo Coutinho desafió los conferenciantes internacionales a responder cuáles son las principales, nuevas y urgentes demandas que la humanidad tiene delante de sí.

Marta Nin inició afirmando no ser este un buen momento para la democracia. Y alertó que la humanidad tiene que estar atenta al populismo, que tiende a dar respuestas rápidas y más fáciles para problemas profundos.

“En la Casa América Catalunya, nosotros hablamos de derechos humanos, trabajamos con eso”, dijo la periodista, a fin de introducir la narrativa sobre su memoria de un discurso que oyó de la colombiana Francia Márquez. “Al oírla, me sentí privilegiada, cuanto mujer que vive en Europa. En aquel día, ella llamó la atención a las mujeres europeas sobre nuestra responsabilidad en ayudar a cambiar el curso de lo que está sucediendo. Lo más difícil, fue cuando ella dijo que nuestros privilegios están basados en los sacrificios de otras mujeres”.

En el caso de las cuestiones ambientales, esas relaciones intrínsecas están muy bien definidas. Un país que desrespeta la naturaleza, y contribuye

para el calentamiento global, afecta el planeta en su totalidad.

Sobre la participación social, Marta retomó la contribución de Jean reforzando que algunas personas se abstienen del proceso democrático, debilitándolo. “Mucha gente piensa que no sirve para nada votar. Deberían hacer un intento de llevar la política de democracia para diferentes niveles sociales.”

Jean Jacques Kourliandsky siguió analizando la pregunta hecha por Ricardo Coutinho de un punto de vista progresista. él evaluó que, de forma transversal, habría de proponerse la necesidad de la perspectiva. “Estamos viviendo en una sociedad que está dentro de un marco de la globalización financiera de una política de mercado, que vive el momento presente, el presentismo, y que perdió la visión de un horizonte.”

El Especialista Político avanzó en su análisis reflexionando que, a las fundaciones de izquierda, cabría ‘reproponer’ esa necesidad de una visión de medio y largo plazo. Para él, es importante salir de la comunicación política de consenso interclasista y admitir que existen contradicciones y enfrentarlas. “Si no nos propusiéramos esas prioridades, vamos a entrar en un mundo en el cual van a profundizarse las contradicciones entre Estados”, dijo el francés.

Para garantizar la comprensión sobre su afirmación, ejemplificó indicando lo que está sucediendo en África del Norte, con Libia; en el mundo árabe, en Irak; en el mundo musulmano, donde existen elementos de crisis muy fuertes dentro de los Estados. Después hace una auto evaluación. “ni por lo menos dentro de los Estados europeos, supuestamente más equilibrados, vemos un auge de partidos nacionalistas, xenofóbicos, que toman los inmigrantes que vienen de lejos como chivos expiatorios.”

Para alcanzar los objetivos anteriormente citados, Jean Jacques listó iniciativas necesarias: recuperar las capacidades soberanas; apoyar la educación y no tener sólo una educación práctica,

pero una educación ciudadana; valorizar la democracia.

En el ámbito internacional, después de la elección del Presidente Trump, el momento es caótico, evaluó el francés, al certificar que el multimaterialismo está en crisis. El hecho de los Estados Unidos hayan salido de la Organización Mundial de la Salud (OMS), de la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, Ciencia y Cultura (Unesco), de la Conferencia de las Partes (COP21), de la Cumbre Climática, y no entrar en el Acuerdo de Marrakech sobre los problemas migratorios, se fomenta, a partir de ese comportamiento, un amplio transtorno internacional.

Lo más preocupante, según Jean, es que, en Europa, elementos de libre comercio están superando la necesidad de respetar los códigos democráticos dentro de la Unión Europea. "Existe una crisis y, para mí, Europa tendría que enfrentar esos problemas con prioridad y potencializar el multilateralismo."

Para el europeo, todos deberían animarse por la victoria de un candidato demócrata en las elecciones presidenciales de los Estados Unidos, para ampliar las oportunidades de recomponer la emancipación del país, en la comunidad internacional, y no contribuir para una nueva guerra fría.

Diego López Garrido siguió como si fuera una conversación y concordó sobre la necesidad de fortalecer el multilateralismo en combate al unilateralismo.

Después retomó el análisis del mundo pos covid19. Sobre el acuerdo que va a hacer circular 750 millones de euros, para favorecer los países más afectados por la pandemia, él reflexionó ser basal para el avance necesario. Y concluyó que lo más importante, en este momento, además de evitar el bipolarismo geopolítico entre los Estados Unidos y China, es tratar del retorno de las personas del siglo XXI, para que desarrollen la idea del progreso.

El profesor español intensificó el debate reflexionando sobre el comportamiento de la sociedad. "cuando nosotros estábamos en una edad adolescente, nuestra visión de futuro era que íbamos a progresar, a avanzar, a vivir mejor. Ahora, los jóvenes pien-



sam que van a vivir peor y que quizás no tendrán salarios mejores. Y el movimiento debe partir de los jóvenes y de las mujeres. Son los dos elementos sujetos fundamentales de cambios, en este momento." Para Diego, es esa pauta que debe unir los movimientos progresistas. "Si no conseguimos que los jóvenes se movilicen en esa línea progresista, será muy difícil", sentenció el Vice Presidente Ejecutivo de la Fundación Alternativas.

La reflexión siguió con el análisis de lo que ocurrió en el mundo, después de la crisis financiera de 2008, que derrumbó fuertemente a Europa. "La reacción de la Unión Europea y del mundo, incluyendo los Estados Unidos, fue de austeridad, de ajustes, sin embargo, todo lo contrario a la política que sucedió posteriormente", momento en que hubo el nacimiento y el crecimiento de partidos de extrema derecha y populistas en prácticamente todos los Estados de la Unión Europea.

La tercera ronda del debate fue presentada por el moderador Ricardo Coutinho, en sintonía con los temas anteriores. "Quiero sugerir que hablemos sobre el lawfare", inició. Para justificar la pertinencia del tema, el presidente de la FJM relacionó casos comunes en Latinoamérica, refiriéndose a Honduras, con Manuel Zelaya; a Argentina, con Cristina Kirchner; Bolivia, con Evo Morales, que ni siquiera consigue volver para su país; Ecuador, con Rafael Correa, que si vuelve, será preso, en Perú. En el caso del Brasil, Coutinho, se recordó de la gestión interrumpida de la Presidente Dilma y la prisión del propio Presidente Lula, que fue determinante para garantizar la victoria de Bolsonaro.

Marta Nin, Directora de la Casa América Catalunya, en Barcelona, enfatizó el momento de la polarización y la difícil sincronización de ideas y propuestas, dos factores que, según ella, están colaborando con la ascensión al poder de los representantes del populismo y de los extremistas.

Considerando el trabajo que realiza en la Fundación, divulgando la cultura de Latinoamérica, Marta afirma esa ser una herramienta de transformación social. "Lo que nosotros podemos hacer

es cultivar una ciudadanía crítica que ayude a colocar las cosas democráticamente."

Al pensar en Brasil, ella, que ya vivió en el país por dos años, se mostró asustada con el comportamiento de aquellos que aprobaban la destitución de la Presidente Dilma Rousseff. Con relación al resultado de las elecciones de 2018, la reflexión sigue el mismo trayecto. "Usted no puede dar el poder de un país para alguien que justifica la tortura de Estado. Yo creo que existe una frontera que los ciudadanos en la democracia deberían tener muy clara que es la frontera de la vulnerabilidad de los derechos humanos."

La española referenció que la conquista de los derechos humanos debería ser irrenunciable. Para ella, solamente un trabajo de educación democrática es capaz de mantener erguida esa victoria de la humanidad.

Evaluó el papel de los jóvenes y de las mujeres como actores sociales de importancia, en ese momento, y sentenció que no puede haber una separación tan amplia entre la realidad social y la percepción de quien hace política, refiriéndose al episodio de Chile, sobre el habla del ministro identificando los protestantes de alienígenas.

El Director del Observatorio América Latina de la Fundación Jean-Jaurès, Jean Jacques Kourliandsky, concordó que, en Europa, como en Latinoamérica, está habiendo una degradación de la democracia.

Como respuesta, apoyó la intervención anterior de la periodista Marta Nin cuanto a la construcción de una ciudadanía crítica, identificándola como la masa fundamental de la vida democrática. Todavía en búsqueda de alternativas, el francés consideró la necesidad de entender como los trabajadores salieron de la izquierda para ser militantes en la extrema derecha. "Esas personas constituyen una masa importante de la población que tenemos que recuperar, no podemos aislarlas de las luchas feministas y de la juventud", completó Jean.

Para contribuir con las reflexiones iniciadas por el profesor español, el Especialista Social se propuso

a mirar para Francia y localizar su juventud. “En mi país, por ejemplo, hay una parte de la juventud, en las regiones afectadas por la desindustrialización, una región típicamente de izquierda que vota en la ultraderecha.” Para él, es necesario entender mejor lo que pasa, para proponer acciones que permitan la recuperación de conciencia.

Como posibilidad, Jean indicó el fortalecimiento de la Internacional Socialista que, recientemente, ejerció un papel importante en el desarmamento en Colombia. “Fue un trabajo colectivo de la Internacional Socialista con partidos latinoamericanos y europeos”, aclaró.

Siguiendo esa línea, Jean se mostró creer en la unión de Latinoamérica, Europa y África, en una triangulación, pero entiende que la horizontalidad podría acelerar algunas luchas. “La reconstrucción de un mundo auténticamente multilateral es muy importante. Latinoamérica debería hablar con África directamente, sin pasar por Europa. no estoy contra las triangulaciones, son importantes, pero también la horizontalidad puede ser eficiente.”

“La alianza prioritaria y más natural es la alianza entre las fuerzas progresistas europeas y americanas. Es el mundo iberoamericano, el mundo euroamericano”, afirmó el profesor de la Universidad Castilla La-Mancha, Diego López Garrido. Para justificar su afirmación, el español dijo tratarse del mundo que comparte culturalmente ideas filosóficas y políticas.

Todavía en búsqueda de respuestas a las indagaciones anteriormente presentadas, Diego fue enérgico al afirmar que muchos de los males vividos y de los desafíos aparentemente intransponibles están apoyados en la pobreza existente. “Hay enormes concentraciones de pobrezas en el mundo, provocadas por la crisis financiera anterior y, en este momento, acentuadas por la crisis del covid19.”

“La pobreza aparta la perspectiva de futuro y elimina la confianza de que la vida puede cambiar. Eso, a mí forma de ver, es lo que explica esas bandas juveniles; las pandillas, en Centroamérica;

y otras bandas juveniles, que, al no encontrar una salida pacífica, por así decir, económicamente, empleos, trabajo, desarrollo educativo intelectual; al no encontrar eso, su forma de vida se convierte en una vida violenta de crimen organizado.”

Después de relacionar la pobreza con la violencia, el profesor Diego concluyó que la falta de perspectiva contribuye para la creación de pandillas organizadas, violentas y criminosas y, al dejar la población vulnerable, hace con que las personas voten en partidos que prometan la seguridad. “Los organismos internacionales, como el Fondo Monetario Internacional y el Banco Interamericano de Desarrollo, deberían actuar para ofrecer una renta mínima. eso es vital para la población y haría desaparecer de forma natural la acción violenta. Provocada por la pobreza.”

El profesor testimonió diálogos con una brasileña, ingeniera de comunicación, que dejó São Paulo para ser mesera en Madrid, con miedo de la violencia en el país. después, otras personas, nacidas en Guatemala y en Honduras, viviendo en Washington, que respondieron haber dejado sus países de origen con recelo de que sus hijas fueran violadas por las pandillas de calle.

Para el profesor, la seguridad, que a veces es despreciada históricamente por la izquierda, es una cuestión importantísima.

El presidente de la FJM, Ricardo Coutinho, aprovechó el abordaje del tema seguridad para contribuir con el debate, en especial, por la experiencia adquirida como gobernador del estado de Paraíba por dos mandatos y haber implementado un significativo programa de seguridad, varias veces premiado, nominado Paraíba Unida por la Paz. Después de concordar con el profesor Diego, el ex gobernador agregó su visión sobre la pobreza que, según él, presenta dos orígenes. “La pobreza tiene orígenes diferentes. Existe una pobreza en una parte del mundo que, de cierta forma, es de origen colonial. El origen es una explotación que hoy es muy ejercida por los Estados Unidos. Y otra pobreza, que está dentro de los países centrales,

de concentración de riqueza mismo, de concentración de conocimiento, de empobrecimiento de la propia educación, de la diferenciación de la educación. Esa cuestión de la pobreza es mundial y cada vez más urgente.”

De vuelta al tema de los derechos humanos, introducido por la periodista Marta Nin, Ricardo Coutinho hizo un nuevo abordaje, queriendo saber, de la española, cuáles son los elementos que necesitan ser reforzados en los sistemas de gobernanza de cada país, para que haya avance en la pauta de los derechos humanos y, dentro de los derechos humanos, la temática de género, en la cuestión de las mujeres.

“La lucha contra la corrupción es muy importante”, respondió inmediatamente a la periodista, que viene trabajando hace años con cuestiones culturales. Luego, abordó su área, dejando claro que la cultura permite el entendimiento de los diferentes comportamientos.

Sobre la violencia, intentando hacer conexión con los derechos humanos, Marta Nin agregó al debate la cuestión de las drogas: “La violencia alimenta las drogas, las drogas alimentan la violencia, algo que no tiene fin”.

Para eliminar ese círculo, existen las políticas punitivas implementadas, que proponen el control social en la periferia. “En el caso de Brasil, es donde viven los pobres, los barrios bajos, donde la pobreza se abre para el tráfico de drogas, para buscar una forma de vida. Es allí que comienzan a ocurrir las violaciones de los derechos”, concluyó la española, que vivió en Brasil. Para ella, son desafíos difíciles, pero que necesitan ser enfrentados, porque asustan.

Motivado a agilizar el debate, el moderador pasó a hacer preguntas específicas a los conferenciantes. Para Jean Jacques Kourliandsky, quiso saber sobre la presencia de las iglesias y religiones en la política. A fin de aclarar a los participantes internacionales, hizo algunas ponderaciones. “El Brasil es un país que conquistó la redemocratización muy encima de las visiones colectivas. El asociativismo del movimiento sindical, que rompió barre-

ras, cosa que hoy está en un declinio muy grande, en función, principalmente, de los cambios del mundo del trabajo; el movimiento estudiantil, a pesar de ya estar en descenso en aquella época, por la represión; y las comunidades de base de la iglesia católica. Eran esos los pilares muy fuertes, del fin de la dictadura y de la reconquista democrática. En el caso del neopetencostalismo, más reciente, se trata de un segmento que dialoga mucho más con el progreso individual, finalmente, con esas cuestiones que son bastante diferentes.”

Entonces, preguntó como el francés analiza esa realidad y cuál es el impacto de ese crecimiento para la propia democracia. Jean Jacques Kourliandsky describió dos elementos, que él consideró importantes para orientar su respuesta. Primero, habló de las desigualdades, no sólo la pobreza, pero la profundización de las desigualdades, en especial, con el aumento del desempleo, y, el segundo, la herencia colonial, con énfasis para la formación de la población brasileña.

Para enfatizar su punto de vista sobre el segundo tema, el Especialista Político contó una conversación que tuvo, hace décadas, con un amigo brasileño. Dijo acordarse del diálogo, a pesar de no tener más de que 15 años en la época, porque él fue emblemático y explica bien la cuestión del colonialismo. “Mi amigo brasileño, negro, me dijo: ‘Usted no cree que es extraño que yo sepa la fecha de cuando cortaron la cabeza da Maria Antonieta durante la revolución francesa y no sepa nada de mi pasado africano?’”

Entonces, volvió a analizar que es fundamental para el Brasil, que tiene más de 50% de la población conformada por descendientes negros, pero también es para Colombia, todavía que, con menor medida, con 20% a 30% de la población de origen africana; lo mismo en Ecuador; en la región de Esmeralda, en Perú; en Costa Rica; en Venezuela; en Uruguay, donde 5% a 7% de la población es de origen africana, que adopten políticas y acciones afirmativas para ayudar a comprender la historia de esa población.



Aproximándose al fin del encuentro virtual, Ricardo Coutinho encargó al profesor Diego López Garrido a reflexionar sobre el futuro de la política y analizar las perspectivas.

El español inició su narrativa afirmando que los Estados Unidos están atravesando un problema serio de fragilidad geológica como líder del mundo libre, esencialmente porque ha renunciado a la alianza con el mundo occidental. “La América First de Trump fue realmente una trampa para los propios americanos, porque, en el momento en que más necesitaban, estaban en conflicto comercial con China, que, por su vez, ha buscado ocupar espacios anteriormente demarcados por los Estados Unidos. China tiene una política de inversión en Latinoamérica y en África muy potente, que es muy bien recibida por países que necesitan”, historizó el debatiente.

Todavía sobre el líder de América, el profesor se mostró convencido de que la victoria de Joe Biden está cierta y, si así ocurre, será posible ocurrir algunas reversiones de políticas dañinas promovidas por Trump.

Sobre el Reino Unido, en Europa, Diego evaluó que la Brexit se dio en el peor momento. “Ellos salieron del grupo cuando más necesitaban de la Unión Europea. Creo que en ese momento están pagando en términos políticos y económicos.”

En la evaluación del profesor, esos movimientos abren espacio importante para otros conglomerados, tanto en Europa cuanto en

Latinoamérica, que tienen un problema geopolítico de integración. “Existe una paradoja, en Latinoamérica, que merece atención. Menos racista de lo que Europa, o los Estados Unidos, los países latinos integran más las personas latinoamericanas. Dos millones de inmigrantes han salido de Venezuela y están siendo acogidos en Colombia. Hay una capacidad de integración importante, pero los mismos que reciben otros, son arrogantes con sus propios habitantes. Los genocidios de los indígenas que vivían allí, es un ejemplo.”

Para el profesor es una ineludible oportunidad, la alianza latinoamericana. “Lo importante de esa alianza son los derechos humanos. Es un momento de cohesión formidable.”

El segundo punto abordado por el profesor, cuanto a la soberanía de los derechos humanos, pasa por el modelo de gestión política de los países latinos. Para él, la justicia latinoamericana es muy dependiente del poder Ejecutivo y hay países donde el Ejecutivo escoge los jueces. “La defensa a los derechos humanos es imposible, sin jueces independientes”, concluyó.

La cuestión de la libertad de prensa también mereció destaque, por parte del profesor español. “Sin libertad de expresión, no hay derechos humanos. En Latinoamérica hay un problema. Son puntos que deberían ser trabajados por las fundaciones progresistas, a ejemplo de esas reunidas en esta noche.”

Capa em papel Couche Brilho LD 210 g/m em 4x4 cores.
Miolo: Couche Brilho 115 LD g/m em 4x4 cores.
Grampeado. Tiragem: 3.000 unidades

Qualidade Gráfica e Editora

Polo JK - Trecho 01 - Conjunto 03 - Lote 06 - Santa Maria
Brasília - DF | CEP: 72.549-515
Tel.: 61 3386-5199 | www.qualidadedef.com.br
qualidade@qualidadedef.com.br

“
NÃO
vamos
desistir
do **Brasil**”

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-60441-47-3



9 788560 441471

